RELIGIÃO DA HUMANIDADE

O AMOR POR PRINCIPIO, E A ORDEM POR BAZE;
O PROGRESSO POR FIM.

Viver para outrem **Viver ás claras**

A FESTA DA PATRIA

—o—

Discursos pronunciados por MIGUEL LEMOS e R. TEIXEIRA MENDES em 7 de Setembro de 1881, com uma advertência de Mario Barboza Carneiro.

—o—

Edição comemorativa do 113º aniversario da Independencia
(7 de Setembro de 1935)

RELIGIÃO DA HUMANIDADE

O AMOR POR PRINCIPIO, E A ORDEM POR BAZE;
O PROGRESSO POR FIM.

Viver para outrem **Viver ás claras**

A FESTA DA PATRIA

—o—

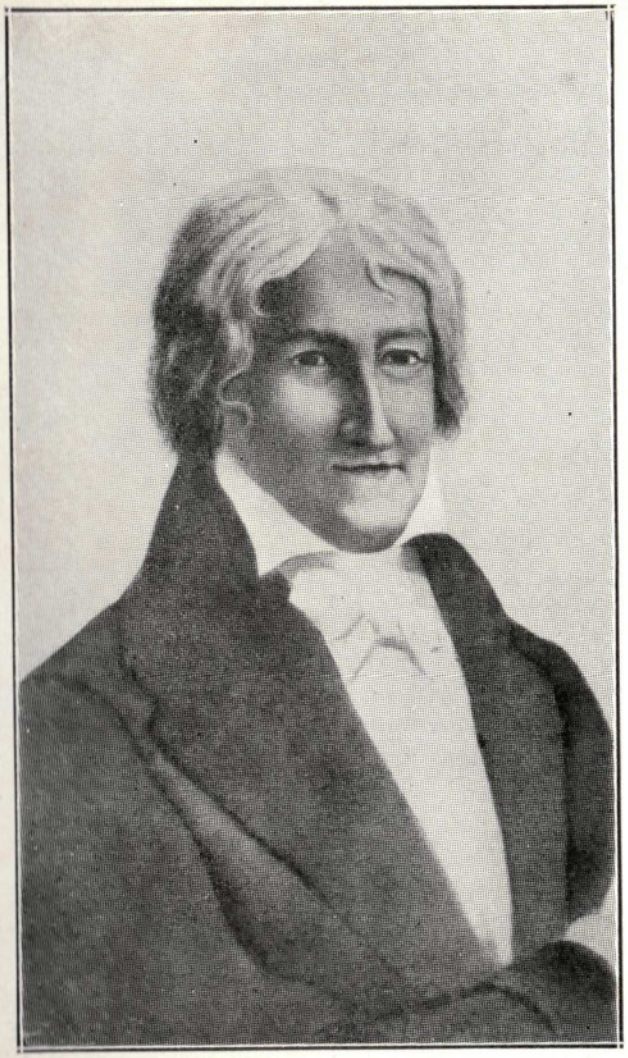
Discursos pronunciados por MIGUEL LEMOS e R. TEIXEIRA MENDES em 7 de Setembro de 1881, com uma advertência de Mario Barboza Carneiro.

Acervo da Biblioteca
Casa de Oswaldo Cruz, FIOCRUZ

—o—

Edição comemorativa do 113º aniversario da Independencia
(7 de Setembro de 1935)

ACERVO DA CASA DE OSWALDO CRUZ
BIBLIOTECA
REGISTRO Nº
38999/M
869.3
L57f
ex.3



JOZE' BONIFACIO

Reprodução de um quadro a oleo de Decio Villares

A gloria da *fundação* da liberdade espiritual, no Brazil, como de todo o regimen liberal que, desde a Independencia, prevaleceu aqui, concentra-se em Jozé Bonifacio.

R. Teixeira Mendes — Op. 343, de 1913.

ADVERTENCIA

No intuito de trazer sua modesta contribuição ás solenidades civicas com que hoje se festeja em todo o Brazil, a Independencia nacional, resolveu um grupo de pozitivistas e pessôas que, em gráus diversos, simpatízão com a Obra de Augusto Comte, reeditar, para uma larga vulgarização, os discursos pronunciados por Miguel Lemos e Teixeira Mendes, na sessão sociolatrica celebrada, a 7 de Setembro de 1881, no salão do Congresso Ginastico Português, em comemoração do gloriozo fato.

São esses discursos que óra aprezentamos ao público, tais como se encôntrão no opusculo n. 4 do Apostolado Pozitivista do Brazil, que tem por título — "A PATRIA BRAZILEIRA".

O primeiro deles é a empolgante oração em que o Fundador e Diretor do Apostolado, antecipando-se de mais de meio seculo aos orgãos do Governo temporal do paiz, consagrou, solenemente, o dia 7 de Setembro á "Festa da Patria".

O segundo, — pronunciado por Teixeira Mendes, — foi, propriamente, o discurso comemorativo da grande data nacional.

Referindo-se ao assunto, em sua "Primeira Circular Anual", publicada inicialmente, em Junho de 1882, sob o titulo de "Rezumo historico do movimento Pozitivista no Brazil", assim se exprimio o Diretor do Apostolado: "A 7 de Setembro comemoramos o 59º aniversario de nossa Independencia nacional. Tomei neste particular uma iniciativa civica que

acentuou mais uma vez os verdadeiros caracteres da doutrina regeneradora. A festa da independencia havia perdido de sua antiga animação; o povo já não parecia comover-se com a lembrança dos gloziosos acontecimentos que determinárão a nóssa separação da metropole.

"Várias são as cauzas que podem explicar este arrefecimento do culto patriotico, mas creio que é sobretudo o descredito crecente do nosso mecanismo governamental que matou o entuziasmo publico. A nossa independencia fez-se com o auxilio do elemento monarquico e a nóssa autonomia nacional efetuou-se sob a influencia das iluzões da metafizica constitucional; ora, elemento monarquico e regímen constitucional não pódem mais determinar convicções sérias, o que alimenta um perigozo septicismo politico, que se opõe a toda expansão popular do sentimento civico.

"Procuramos despertar a população desta atonia, e a 1º de Setembro dirigi-lhe um apelo em fórma de circular, que foi publicado em todos os jornais, e no qual definia **o verdadeiro cunho que deviamos imprimir a essa manifestação do culto civico.** Na gloriosa data celebramos uma sessão publica, pronunciando o Sr. Teixeira Mendes o discurso de que fôra por mim encarregado. Esse discurso acha-se já publicado (op. n. 4 acima citado) e contém a apreciação sumária do cazo brazileiro e a expozição da politica e especificação das medidas que julgamos poderem satisfazer ás necessidades de nossa evolução."

O apêlo de 1º de Setembro, a que alude Miguel Lemos no trecho acima transcrito, é o mesmo a que se referio Teixeira Mendes na seguinte passagem de sua carta de 20 de Abril de 1896 (Op. 164 do Ap. Pozit. do Brazil) dirigida a Luiz Leitão:

"Começarei observando-lhe que desde o início de nossa propaganda temos aprezentado os ensinos do Pozitivismo a respeito da questão de que se trata (a questão do nativismo), já **vulgarizando a teoria sientifica da Patria e instituindo seu culto sistematico,** já combatendo especialmente as aberrações políticas que ameação aniquilar o nosso infelizmente tão precário civismo. A este propozito, limitar-me-ei a lembrar-lhe **o apêlo com que o nosso Diretor restaurou, em 1881, a comemoração cívica do 7 de Setembro,** que o aulicismo tinha desprestigiado, e bem assim as suas manifestações, nesse mesmo ano, contra a grande naturalização, o imigracionismo, etc". (Os grifos são nossos).

Esse apêlo, que já tem sido relembrado várias vezes e que o seu proprio autor reproduzio, em Agosto de 1900, na segunda edição de sua "Primeira Circular Anual" — atésta que foi Miguel Lemos quem, de fato, "promoveu a celebração do 7 de Setembro como **data nacional",** segundo as palavras de Teixeira Mendes no opusculo n. 4, pag. 63.

Mais uma vez reimpresso, esse documento acaba de ser profuzamente vulgarizado pelo mesmo grupo a que acima aludimos, mediante pequenos avulsos, nas côres nacionais, distribuidos em toda a cidade. Não obstante, vamos aqui transcrevê-lo tambem, para que melhor se aprecie o alcance da referencia especial que lhe fez Teixeira Mendes na sua mencionada carta de 1896:

"Circular acêrca da festa nacional de 7 de Setembro. — Ordem e Progresso — Imo. Sr. — O culto da Pátria é um elemento necessário do engrandecimento nacional. Todas as nacionalidades constituidas celébrão em uma certa data o acontecimento que lhes caracteriza a história e as aspirações, o fato que lhes afirma a existência como pátrias distintas.

Para nós, Brazileiros, a patria se fez com a Independência, e o pezo das tradições nos impõe a data de 7 de Setembro, como ligada á formação desse grande fato.

Escolhamos, pois, este dia para a nossa Festa Nacional, imprimindo-lhe uma significação puramente patriotica e organica, independente de toda e qualquer consideração partidária e transitória.

Instituamos a religião do civismo.

O Centro Pozitivista Brazileiro, tomando a si a iniciativa désta regeneração dos costumes publicos, espéra o concurso da população fluminense.

Que toda a cidade se ilumine e embandeire nesse dia, que a primeira cidade da America do Sul vista nesse dia todas as galas dos grandes regozijos nacionais.

Mostremos ao mundo que temos uma Patria e que sabemos saudá-la com entuziasmo quando a História nos recorda o seu advento na vida

da Humanidade. — O prezidente do Centro Pozitivista Brazileiro — Miguel Lemos".

Côrte — 1º de Setembro de 1881.

A oração de Miguel Lemos publicada em 1882 no opusculo "A Patria Brazileira", foi reeditada em separado, no ano de 1898, e, sob o numero 183, ficou, desde então, figurando no catálogo das publicações do Apostolado com o titulo de **"Comemoração Pozitivista do 7 de Setembro"**.

Nesse caráter foi ela indicada por Teixeira Mendes, em 1919, como uma das celebrações feitas por Miguel Lemos, que deverião servir de baze ás comemorações sociolatricas a se realizarem no Templo da Humanidade, á rua Benjamin Constant, **segundo as tradições da Igreja,** de que foi ele o Vice-Diretor, até o fim de 1917.

O opusculo "A Patria Brazileira" foi reeditado por Miguel Lemos em 1902 (2ª edição) sem nenhuma alteração ou resalva, a não ser o seguinte "AVIZO AO LEITOR":

> Este opúsculo foi publicado pela primeira vês quando aínda reconheciamos a direção do Sr. P. Laffitte, da qual nos desligámos complétamente a 3 de Shakespeare de 95 (12 de Setembro de 1883), por motivos que já fôrão devidamente justificados. Ésta advertência é indispensável para que o leitor imparcial póssa fazer os desfalques necessários em tudo quanto neste escrito se resentir de similhante passado. Além disto cumpre-nos obstar com a mássima lealdade a que os espíritos incautos póssão ser iludidos, como nós o fomos, em detrimento da religião que professamos e procuramos propagar e praticar.
>
> Pelo Apostolado Pozitivista do Brazil:
>
> MIGUEL LEMOS, Diretor.

Quinze anos depois da reedição desse opúsculo, dizia Teixeira Mendes:

"No conjunto das publicações da Igreja Pozitivista do Brazil, desde o **Elogio de Camões,** por Miguel Lemos, que é a primeira déssas publicações, **até a ultima, —** pódem os nossos concidadãos verificar como a história do povo brazileiro acha-se apreciada segundo os ensinos sociologicos de Augusto Comte". (Publicação n. 4 de 1917).

"E cinco anos mais tarde, depois de salientar que foi graças ao Pozitivismo que poude Miguel Lemos reconhecer o papel de Jozé Bonifacio como Patriarca da Independencia politica do povo brazileiro e patentear a sua preeminência, acrecentou: "Falecendo prematuramente a 26 de Dante de 63|129 (10 de Agosto de 1917) Miguel Lemos legou assim cêrca de **quarenta anos** da mais perfeita coerência no conjunto das publicações da Igreja Pozitivista do Brazil." . . . . . .

. . . . . .

"Saídos quazi todos em órgãos diários de publicidade e distribuidos pelas bibliotécas publicas, **esses opúsculos** podem facilmente ser consultados."

"De sorte que, **nada mais fácil do que conhecer a opinião da Igreja Pozitivista do Brazil** e, portanto, dos membros dessa Igreja, **sobre qualquer** questão". **(Publicação n. 4 de 1922).**

Compreendidos nesses opúsculos, os discursos que ora reeditamos e o patriotico **"apêlo com que Miguel Lemos restaurou em 1881 a comemoração cívica do 7 de Setembro",** não poderão jámais ser esquecidos, na passagem dessa glorióza data.

A eles se aplícão iniludivelmente, como decorre de tudo o que acabamos de recordar, os seguintes conceitos de Teixeira Mendes: (Publicação n. 418 de 1917).

> "... **irrevogavelmente encorporados pela morte** (já agora dos dois Apóstolos), **ao conjunto da propaganda pozitivista,** no Ocidente como no Oriente, **e especialmente á evolução do povo brazileiro, os esforços regeneradores de Miguel Lemos** hão de tornar-se cada vez mais fecundos á medida que a Humanidade fôr conduzindo as Patrias e as Famílias para a Religião Universal."

Fundando-se nos ensinos sociológicos de Augusto Comte, esses dis-

cursos encérrão a apreciação sientifica do movimento que nos separou da heróica nação portugueza, para constituir-nos em Patria distinta.

A sua leitura despertará, por certo, em todos os corações brazileiros, as mais gratas emoções e concorrerá, sem dúvida, para que a **Festa da Patria**, adquira, entre nós, de ano para ano, maior brilho e consistência, e se revista cada vez mais, do caráter que deve ter: **puramente patriotico e organico, independente de toda e qualquer consideração partidária e transitória**.

Rio de Janeiro, 26 de Gutenberg de 147 — 7 de Setembro de 1935.

Em nome de um grupo de correligionarios — MARIO BARBOZA CARNEIRO (r. das Acácias, 29) — Silvio Vieira Souto (r. Conde de Baependi, 20).

Comemoração pozitivista do 7 de Setembro

PALAVRAS COM QUE O SR. MIGUEL LEMOS ABRIU A SESSÃO SOCIOLÁTRICA CELEBRADA NO DIA 7 DE SETEMBRO DE 1881 NO SALÃO DO CONGRÉSSO GINÁSTICO PORTUGUÊS

Concidadãos!

Os pozitivistas brazileiros celébrão hoje a Fésta da Pátria.

Amar e servir a Pátria são duas grandes funções do coração e da atividade humana.

Os laços que nos prêndem á Família, preciózos como baze para o alargamento contínuo das afeições humanas, não bástão ao nósso dezenvolvimento total.

Entre a Humanidade, verdadeiro Ente Supremo que concentra em si todos os grandes rezultados de nóssa evolução, e a Família, que é, por assim dizer, o primeiro degrau déssa acenção que condus ao Amor Universal, ao amor de todos os hômens, sem distinção de orígem, nem de crenças; entre estes dois termos, digo, de nóssa marcha afetiva, acha-se a Pátria, constituída por uma reunião de famílias ligadas pelas mesmas tradições, pelos mesmos interésses, pelas mesmas aspirações.

A Pátria aprezenta-se como um agrupamento político, caraterizado pela comunidade de governo e pela série de fatalidades cosmológicas e sociais que a limitão a uma porção determinada do planeta humano.

Este ente coletivo, intermediário entre a Família e a Humanidade, oferecendo, com estes dois grupos estremos, uma natureza homogênea com o indivíduo, tórna-se sucetível de ser objéto de nósso amor, de nósso culto.

Quem ignóra as maravilhas operadas pelo patriotismo, quem não sabe a pujança indomável do sentimento cívico, irrompendo, nas hóras solenes dos póvos, contra as barreiras que o comprímem?

Mas ésta admirável propriedade do coração humano, que nos léva a sacrificar todos os interésses nas aras do amor pátrio, caréce de cultivo e direção como todas as manifestações funcionais de nósso organismo.

Cumpre instituir para cada pátria um sistema de comemorações que periódicamente congrácem e estimúlem os cidadãos, sob o influxo das recordações glorióza e dos serviços realizados pelas gerações precedentes.

A baze de um tal sistema fornéce-a a data que recórda o acontecimento mais caraterístico da evolução de cada nacionalidade.

Para nós, americanos, a data que concretiza a nóssa constituição como pátrias distintas, é a que lembra a separação definitiva das metrópoles.

Para o Brazil, porem, similhante problema encontra atualmente uma grande dificuldade: as divergências que súrgem quando se procura estabelecer a data glorióza de nóssa história.

Nácem similhantes divergências da fatalidade histórica e política que ligou o fato de nóssa Independência, a constituição definitiva da Pátria Brazileira, ao estabelecimento da monarquia entre nós.

Os espíritos revolucionários, ainda não divorciados do absoluto, na impossibilidade de conciliárem as exigências de cada época e de cada situação, rejêitão similhante data e insúrgem-se contra o Passado — a mais improficua das insurreições!

Concidadãos!

Nós, pozitivistas, não sentimos nenhuma dificuldade em conciliar esse passado com as nóssas aspirações republicanas.

O espírito relativo e sientífico que carateriza a nóssa doutrina es-

plica-nos porque a independência nacional se fês com o aussílio de um príncipe ambiciozo, que pôs o prestígio de seu nome e de sua jerarquia ao serviço dos planos dos diretores do movimento fatal, irrezistível, que determinou a nóssa emancipação de Portugal.

A monarquia brazileira aparéce-nos então como um acidente secundário, tranzitório, instrumento nas mãos dos patriótas, e, sem esquecer os seus efeitos provizórios, separamos este acidente do grande fato, cuja evidência está aí a cegar-nos com a sua lus, a separação definitiva, irrevogável, da antiga colônia, para constituir-se em uma pátria distinta, evoluíndo sob o seu próprio impulso.

O **7 de Setembro** não recórda para nós a fundação do Império brazileiro como monarquia; mas ele nos lembra a formulação definitiva de nóssa emancipação estérna, rezumida naquéla diviza que, qualquér que seja o seu autor, povo ou príncipe, esprimia as emoções desse momento solene da vida brazileira:

Indepêndencia ou mórte!

Nós reclamamos ésta data memorável, como uma data nacional, sem ligações fatais a uma circunstância acessória de fórma de governo, que, si hoje nos divide tanto, é só porque a maioria dos que sêntem que chegamos ao momento histórico de ir operando a sua substituição evolutiva ainda não abraçárão as doutrinas regeneradoras do Pozitivismo, que transfórmão uma aspiração revolucionária em uma convicção sientífica.

Firmemos, sim, o alvo de nóssas aspirações republicanas, mas voltemo-nos para o Passado, sem ódios, sem as paixões efêmeras do Prezente, e, evocando a imágem sagrada da Pátria, agradeçamos ás gerações que nos precedêrão a feitura désta mesma Pátria e prometamos serví-la com a mesma dedicação, embóra com as idéias e as crenças de nósso tempo.

Recordemos, pois, neste momento, os trabalhos das gerações anteriores que se sucedêrão sobre este sólo abençoado. Mas, antes de tudo, como filhos emancipados, mas agradecidos e veneradores, voltemo-nos para a heróica nação de que decendemos e que transplantou para este canto da América os elementos da civilização ocidental.

Não separemos désta comemoração as valentes tríbus fetichistas,

vítimas sacrificadas á anarquia dos séculos em que os nóssos antepassados europeus descubrírão e colonizárão a térra brazileira.

Façamos vótos de reparar os erros de nóssos pais, empregando todos os esfórços para trazer os atuais decendentes dos nóssos selvícolas ao seio da comunhão brazileira, assimilando-os pelo amor e pela siência á coletividade que se formou no sólo conquistado sobre os seus maióres.

Não esqueçamos tambem de comemorar os serviços da outra raça fetichista, injustamente escravizada, e á qual devemos as fontes de nóssa riqueza material.

Que o crime dos nóssos antepassados seja em bréve resgatado pela estinção do dolorozo regímen que fês escravos os colaboradores de nósso trabalho, os aussiliares de nósso dezenvolvimento industrial.

Recordemos, cidadãos, as divérsas fazes de nóssa evolução nacional, os gloriózos defensores das tradições meridionais contra os póvos protestantes da Holanda, aos quais devemos a conservação entre nós dos antecedentes católicos-feudais.

Saudemos neste momento as almas generózas que primeiro sonhárão com o Brazil livre e independente!

Salve! Herói santificado pelo martírio, precursor gloriozo de nóssa independência, imortal Tiradentes!

O teu ezemplo nos recordará sempre a força magnanima de um coração patriótico na dedicação cívica, na corágem que não néga o pensamento que o condena, mas que o afirma diante do cadafalso.

O teu sangue regou as primeiras sementes que o vendaval revolucionário arrojara aos campos fecundos de nóssa Pátria!

Salve! Sonhador heróico, poéta denodado, os teus filhos livres hoje te saúdão e te glorifícão!

Saudemos tambem os patriótas que em 1817 levantárão de novo o grito emancipador e consagrárão mais uma vês com o martírio a cauza da liberdade nacional!

Finalmente, cidadãos, glorifiquemos os realizadores efetivos do movimento iniciado por éssa série de heróis que precedêrão a geração de 1822.

Saudemos principalmente o eminente estadista que organizou a

nóssa separação definitiva da metrópole: a história sientífica justificará o seu patriotismo esclarecido e prudente, que o levou a servir-se das ambições de um príncipe para obter sem grande abalo esterior, e sem dilaceramentos intestinos, o desfecho final da luta.

Si não tivemos a espada glorióza de um Bolívar, orgulhemo-nos de haver tido a calma refletida do estadista, estimulado pelas inspirações do patriotismo e ao serviço da mais nóbre das cauzas.

Saudemos, pois, neste dia, a Jozé Bonifácio, cujo nome, mau grado os ódios revolucionários, ficará para sempre indelévelmente gravado na primeira página de nóssa história.

Glorifiquemos, neste momento, todas as forças, grandes e pequenas, todos os corações generózos, todos os espíritos alevantados que cooperárão na elaboração e constituição definitiva da Pátria Brazileira.

Instituamos a religião do Civismo!

A PÁTRIA BRAZILEIRA

Discurso de R. Teixeira Mendes

I. — CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

> Jamais se ha de apreciar o verdadeiro espetáculo histórico sem profunda veneração para com o conjunto do passado humano.
>
> **Política Pozitiva, III, pg. 96.**

Ezultemos, cidadãos! Ezultemos ante a sublimidade dos sacrifícios e a grandeza dos cometimentos que nos recórda ésta data solene. Ezilemos de nóssos corações reverentes as sugestões desse egoismo sacrílego com que a anarquia democrática tem esterilizado os grandes gérmens de nóssa evolução nacional. No recolhimento de uma gratidão fundamente sentida, comemoremos os esfórços desses heróis que fôrão nóssos pais; celebremos os seus triúnfos, meditemos os seus revézes, implorando ao ezemplo deles a nórma de nóssas virtudes cívicas.

E' a contemplação déssas vitórias que nos ha de revelar as maravilhas da atividade, quando a incita a veemência do sentimento patriótico. E' a fatalidade desses revézes que constitúi a demonstração cruelmente irrefutável da insuficiência dos mais generózos impulsos, quando lhes falta a indicação pozitiva dos meios.

Solicitada em direções encontradas pelos reclamos incessantes do coração e as impozições iniludíveis do mundo estérno, a vida humana

tende invariavelmente para o estabelecimento déssa rezultante que se denomina — **a pás universal.** Mas como alcançá-la sem tremendas vacilações? Como construí-la sem as tentativas ouzadas dos mais elevados estímulos; sem a tenacidade ingênua desses impulsos que, na fraze do poéta da IMITAÇÃO, **não sábem módo, mas se afervórão sobre todo módo?** E como não sucumbir nesse caminhar incérto, baldo de guia e de rumo, afoito da temeridade que é o apanágio das paixões nóbres, quando as gerações precipitávão-se confiadas em busca do ideal que parecia fugir-lhes a cada instante? Caião, portanto. Ao desvanecer-se, porem, de cada última iluzão, resurgia sempre a Humanidade aureolada de nóvos raios, banhando em lus cada vês mais viva os triúnfos prodigiózos de seu passado e a imensidade insondável de seu porvir.

Hoje nos deslúmbrão esses esplendores quando pretendemos fitá-los, sem velar a fraqueza de nóssa inteligência com a humilde suavidade de uma veneração reconhecida; e então, ralados pelo orgulho, prorompemos em blasfemas imprecações que aínda mais endurécem o coração e tortúrão o entendimento.

Não são esses dezesperos de réprobos que hão de alentar-nos; não são éssas vizões lúgubres que hão de romper aos nóssos ólhos as magnificências futuras da Pátria. Reunidos em nome da Humanidade para celebrar a construção da nacionalidade brazileira; agremiados sob o influxo de uma religião que aceitou a herança de todos os póvos, que reconhéce um crente onde quér que o amor inspira o dezinterésse, cada um de nós déve contemplar as gerações que nos precedêrão com a carinhóza veneração de filhos que recórdão os estremos do coração matérno. Nesses estremos havemos de colher os ensinamentos de nóssa conduta política; hão de eles cimentar a convergência de nóssos esfórços, e inspirar-nos a consagração permanente de nóssa vida a preparar a felicidade das gerações pósteras, dezenvolvendo os gérmes lançados pelas gerações donde proviemos.

Sim! que **o progrésso é o dezenvolvimento da órdem;** que tudo quanto possuímos e de quanto nos ufanamos é o rezultado desses labores que maldis a ingratidão revolucionária. Fôrão as valorózas audácias de nóssos pais em meio dos perigos de todo gênero que os assaltávão; foi a indomável tenacidade que eles soubérão opor ás esquivanças de um meio que só difícilmente lhes patenteava as opulências de seus tezouros; foi a sorpreendente heroicidade de uma rezignação que o sofrimento aumentava de dia em dia; foi éssa corágem, foi éssa rezignação, foi éssa firmeza, que dérão á nossa alma a energia de enfrentar hoje, sem temores nem esperanças de além túmulo, com os abismos da real situação humana. Fôrão eles que acendêrão em nóssos corações éssa aspiração insaciável por tudo quanto é grande; éssa ezecração para tudo quanto é injusto; esse culto cada vês mais vasto e cada vês mais intenso pelo cumprimento do **dever** livremente aceito.

Cégos e ingratos que somos! Escandalizamo-nos de seus erros, sem lembrar-nos que deles herdámos o delicado sentir que só permite os nóssos assomos indignados, a lucidês intelectual que só nos proporciona o conhecimento de suas quédas inevitáveis! Oh! Quão tremenda houvéra de ser a sentença da posteridade si a mesma cólera implacável viésse a julgar os cataclismas das gerações de hoje!

Esses filhos — renegados como nós — havíão de pedir-nos contas sevéras das riquezas humanas malbaratadas, e dos tezouros pródigamente arrancados ao seio da Térra na vertiginóza cubiça de um industrialismo corruptor. Havíão de esprobar-nos a detestável incoerência com que proclamamos a necessidade das indicações sientíficas para a conduta, e cerramos a inteligência, e decidimos e praticamos como se fôrão tudo vociferações delirantes. Havíão finalmente de lançar-nos em rosto éssa vorágem cavada entre a vida privada e a vida pública, para justificação prévia de nóssos desmanaos; esse contraste revoltante entre a arrogancia de nóssas condenações á moralidade do passado, e a contínua vacilação de nóssa ezistência, joguete de todas as paixões ruins!

Em bem, que não ha de ser com éssa crueza iníqua que as gerações vindouras hão de pezar-nos! Em bem, que os atos hão de resgatar as blasfêmias com que nodoámos a nóssa submissão ao conjunto do passado humano! O conhecimento das leis naturais que régem a evolução social ha de brotar-lhes nos corações esse sentimento de humilde veneração com que os pozitivistas brazileiros evócão hoje as sombras de nóssos maióres; e abrir-lhes a inteligência á compreensão ezata da imensa crize por que passa a sociedade modérna. E então, o anátema será o esquecimento de nóssos erros, e as bênçãos a proclamação de nóssa continuidade com as gerações anteriores.

Pois bem, marchemos ao encontro desse juízo e déssas bênçãos; tréguas aos ódios partidários que nos dilacérão; olvido para as divergências e para as lutas que nos sepárão da glorióza geração de 22; e convirjamos

a universalidade de nóssos esfórços no alevantamento da grandeza imorredora da pátria que nos legárão.

Mas aqui súrgem as dificuldades; porque a cooperação efetiva supõe a determinação ezata dos fins a atingir, e a formulação pozitiva dos meios; isto é, supõe uma doutrina que esclareça os sentimentos e que guie seguramente a atividade para o destino que o coração lhe traçar.

E porventura éssa aspiração vaga pela grandeza futura de nóssa Pátria constitúi um objetivo determinado? Não é sempre em nome déssa grandeza que são lavradas as rezoluções de nóssos governos? E a doutrina aferidora, como encontrá-la no meio das inspirações individuais que o revolucionarismo proclama, e das crenças teológicas que se desprestigíão de mais em mais? Onde os programas dos partidos que entre si dispútão a suprema direção do Estado? Em vês de princípios definidos, súrgem as individualidades; a élas se apégão todos como o náufrago entréga a vida á sórte do primeiro destroço que lhe arrojou a tormenta.

E no entanto, em meio déssa anarquia em que se debate a sociedade brazileira, ha alguma coiza superior a todas as divergências intelectuais e a todos os disentimentos partidários; porque emanados da mesma orígem e nos dirigimos para um destino comum. Esse fundo inalterável de grandes impulsos tradus-se na uniformidade de nóssa língua, proclamando a filiação da pátria brazileira ao berço de todas as virtudes cívicas por intermédio da raça que foi a depozitária das conquistas morais dos tempos mediévos. Éssa língua significa coração abérto para os sentimentos mais generózos da natureza humana; caráter formado para os cometimentos os mais agigantados; inteligência talhada para a pronta assimilação da verdadeira siência, — aquéla que rasga nóvos horizontes á atividade do hômem, sem estreitar a esféra do coração feminino.

Os desregramentos industrialistas pudérão sem dúvida toldar um dia éssa inteligência e embotar esse sentimento, quando o Catolicismo em decadência tornou-se o instrumento da opressão dos fórtes contra os fracos, sancionando o mais nefando dos crimes ocidentais. Aínda nos tortúrão os remórsos déssa iniquidade e nos macula a infámia de tamanha perversão; mas o afan com que nos empenhamos na reparação do monstruozo atentado, confundindo o brado abolicionista com os primeiros clamores da independência, pantentêião a violência que então se fês aos escrúpulos do coração meridional. E' que ao alvorecer da grande éra de comoções decizivas, a consiência peninsular espandiu-se; e os sentimentos generózos, irrompendo do invólucro em que o mercantilismo colonial parecia havê-los sepultado para sempre, viérão atestar que não se achava ezausta a seiva fecunda da civilização católico-feudal.

Foi sobre o fundo social e moral déssa pujante civilização que se superpuzérão anárquicamente os outros elementos da constituição modérna, dando em rezultado o movimento geral de libertação que trabalha a sociedade ocidental, e de que foi um cazo a constituição da nacionalidade brazileira.

Tal é o alcance sociológico da data que celebramos. Éla marca a ruptura de um laço que se transformara em jugo pelo aniquilamento definitivo do poder teológico, e constitúi para nós o primeiro élo das liberdades que são o alvo dos corações bem nacidos e dos espíritos emancipados. Liberdade de todos os póvos pela supressão da guérra e o estabelecimento do regímen industrial; liberdade de todos os hômens pela supressão dos privilégios e unánime coparticipação nas conquistas da Humanidade. Isto significa: o amor inutilizando o interésse; a persuazão e a convicção substituíndo o mando; o dever anistiando a obrigação servil de outras éras: pelo livre congraçamento de todas as nações, pela cooperação cívica de todas as famílias, pela moralidade de todas as almas verdadeiramente humanas.

Eis aí, cidadãos, os impulsos hereditários que nos domínão consiente ou inconsientemente, pouco impórta; eis aí os gérmens de tudo quanto temos realizado de grande e de justo, mau grado as devastações da anarquia revolucionária quázi seis vezes secular. E' esse o fundo comum de qualidades e aspirações nacionais para o qual apélão esplícita ou implícitamente os chéfes políticos na justificação de sua conduta e na propaganda das doutrinas teológicas e metafízicas com que até hoje se tem agitado a opinião brazileira. E já que porventura se têm atribuído á indiferença por élas os dezastres morais e políticos de nóssa sociedade, ezaminemos de uma vês por todas o valor de similhantes queixas. Comecemos por notar que, si a esperiência é o supremo juís da validade de nóssas concepções, o aferidor incontestável da oportunidade de todas as teorias, esses dógmas — que só têm conduzido o Ocidente á negação prática das liberdades que almejamos e á supremacia das violências que detestamos, — dévem estar condenados na consiência nacional. Não se pôde manter a civilização mediéva, que foi o apogeu da constituição teológica; não se pôde manter a primeira república franceza, que foi democrática;

e nós assistimos em nóssa Pátria as agonias do regímen monárquico constitucional — éssa fuzão monstruóza do direito divino dos reis com o direito tambem divino dos póvos.

Mas nada ha aí que surpreenda: quando se penétra no ámago déssas instituições verifica-se que os dezastres fôrão a consequência inevitável da incapacidade das doutrinas, e o bem que porventura produzírão momentaneamente rezultou só da ecelência dos hômens que manejárão tais dógmas. Sinão, vejamos.

A condição indispensável para um regímen livre é que cada um seja sucetível de prestar espontaneamente o seu concurso á ezistência social. Óra, similhante contribuição supõe: 1º, conhecimento individual do módo por que se ha de concorrer para a ezistência comum; 2º, amor social bastante dezenvolvido para ezecutar a missão que a inteligência nos houvér indicado, sem temores degradantes, nem esperanças vis. Tudo isto se rezume numa única fraze: o regímen livre ezige o predomínio contínuo do sentimento moral, — o dever, — esse rezumo supremo das funções mais elevadas do cérebro humano, quando a inteligência desvenda o sacrifício, e o amor nos precipita valorózos ao encontro dele. E o sacrifício, cidadãos, quér dizer a compressão de nósso egoísmo sob qualquér de suas múltiplas fórmas, por assim o ezigírem a Família, a Pátria ou a Humanidade.

Pois bem, a teologia que néga a ezistência fundamental dos instintos simpáticos; que fás da salvação individual pela conquista do Céu o objéto contínuo da ezistência humana; que só tem palavras de desprezo para a Térra — a mãi carinhóza em cujo seio se transfórmão os réstos dos que morrêrão na florecência e grandeza dos que hão de viver um dia; — a teologia póde porventura elevar-se á compreensão real do **dever?** Uma doutrina incapás de impor-se pela demonstração, em contradição manifésta com os fatos pozitivos, póde reger a sociedade indefinidamente sem violências nem hipocrizias?

E o dógma revolucionário, éssa afirmação da vontade do povo, como lei suprema do Estado; que proclama a prepotência do número, em contrapozição da arbitrariedade divina; que condus a opressão das massas como substitutivo do despotismo dos reis; esse dógma que fás da **consiência individual** o juís inviolável e sagrado do bem e do mal, e nos deixa entrégues ao vai-vem de todas as paixões; que dezencadeia sistemáticamente o intéresse e a ambição; esse dógma poderá levar-nos a um

regíme sem opressão, em que cada um cumpra espontaneamente os deveres ezigidos pela situação social? Porventura o número póde indicar-nos esses deveres? e a consiência não oferéce todos os matizes, desde a perversão de Robespierre e Bonaparte até a sublimidade ecepcional dos santos em todos os tempos e em todos os lugares? Como, pois, entregar ao número, que até hoje não descubriu uma única lei pozitiva; que até hoje não inventou um único dos aparelhos industriais em que assenta a vida social e moral do hômem; como confiar-lhe a missão por ecelência de traçar-nos a conduta cívica na mais difícil das situações políticas, o procedimento moral na mais complicada das épocas, quando as relações de cada hômem o lígão a todos os hômens esparsos pelo Planeta? Oh! a política e a moral da democracia! A política do estermínio dos póvos, primeiros possuídores das térras em que mais tarde se foi éla assentar; a política da esploração dos fracos pelos fórtes, a pretesto da liberdade e do engrandecimento industrial! A moral que proclama a auzência de todos os laços, a satisfação de todos os egoísmos, a pretesto da liberdade intelectual e dos direitos imprescritíveis do indivíduo infalível! Como tudo isto é monstruozo, cidadãos!

O Catolicismo formulou o princípio de que o hômem éra naturalmente mau e todo bem vinha de Deus; mas o amor social dos grandes hômens que aplicárão similhante dógma corrigiu-lhe os inconvenientes morais e políticos, indicando na oração os meios de obter a graça divina, e fazendo da compressão do egoísmo a condição de mais ampla satisfação por vir desse mesmo egoísmo, pela conquista da etérna bemaventurança. Em nome do interésse póstumo, esse varões eminentes instituírão a purificação, porventura ecessiva, mas salutar quázi sempre, das paixões inferiores de nóssa alma; e determinárão a espansão contínua dos atributos superiores do coração humano, levada por vezes aos limites do mais puro devotamento.

E o que fizérão os doutores revolucionários? Substituírão a **graça,** — éssa dispozição para o bem, que só a pureza e a dedicação permitião adquirir, — pela **consiência,** a sibila infalível que se contórce no fundo de nóssa alma, desde o berço até a sepultura; mas cujos oráculos adáptão-se fácilmente ás solicitações de todos os dezejos, como o demonstra a esperiência quotidiana. Fôrão esses doutores que sistematizárão a ruptura do laço conjugal pela instituição do divórcio; são eles que hoje erígem em princípio o abandono da mulhér, abrindo-lhe a vida industrial, a pretesto

de uma independência que só traria o aviltamento de nóssa espécie.

Mas para que insistir, si cada um de vós póde contemplar em torno de si a justificação de todos os desmandos pela consiência, ajudada dos sofismas de um espiritualismo complacente, ou de um materialismo degradante? Oh! bem sabemos que, para honra da espécie humana, mais de um coração se levanta, superior ás consequências de similhante doutrina. Mas isso é aínda um elemento de condenação para éla; porque o dógma déve pairar acima das individulidades, por mais eminentes que sêjão; déve aprezentar a grandes e pequenos soluções pozitivas para os momentos decizivos da ezistência, e não envolver-nos nesse misto de trévas e luzes em que se gérão fantasmas sem deziluzões possíveis, e se perpétrão crimes ao abrigo de todos os remórsos.

Érão, portanto, de prever as consequências funéstas de que foi vítima o Ocidente pelo esgotamnto do regímen teológico e a acensão da doutrina revolucionária sob qualquér de suas fórmas — democracia pura, ou monarquia constitucional. Mas o que não pudérão ambas realizar; o que foi impossível a Deus na fórma teológica do regímen católico-feudal e na incarnação metafízica do constitucionalismo, fá-lo a Humanidade. Criando a **siência e a arte**, os nóssos antepassados construírão um dógma superior a todas as vacilações individuais; e sobre esse dógma bazeárão o aperfeiçoamento de nóssa situação pela **indústria**, e o nósso próprio engrandecimento moral pela **educação** pozitiva. E' no concurso desses elementos que haveis de encontrar a solução, ha tantos séculos esperada, da **pás universal**, — a sínteze de todas as aspirações humanas.

Ouvi.

II. — APRECIAÇÃO DA ÉPOCA NORMAL

Ordem e Progrésso.
Viver á lus do dia.
Viver para ôutrem.
Dedicação dos fórtes aos fracos, e veneração dos fracos para com os fórtes.

A **siência** não indaga a orígem primária das coizas; toma para ponto de partida fatos unanimemente reconhecidos e obsérva as relações constantes que eles aprezêntão no espaço e no tempo. Por esse meio prevê

os acontecimentos futuros, e desvenda os que se estão ralizando, mas que passarião despercebidos á indagação diréta. E a previzão racional déve ser verificada pelos sentidos, mediata ou imediatamente.

Seja qual fôr o objéto de similhante investigação, — quér se trate de fixar a lei que prende a altura da quéda de um corpo ao tempo decorrido, quér se intente a pesquiza dos atributos intelectuais e morais do hômem, — a marcha tem sido a mesma. E o rezultado invariável foi o descubrimento de uma dispozição constante nos fenômenos, superior a toda intervenção humana, inaccessível ás emoções da súplica, imperturbável mau grado as ameaças do dezespero. Quem revelou éssa órdem? a observação dos fórtes espíritos de nóssa espécie; quem a construíu? ninguem sabe. Eziste: póde ser verificada por todos os hômens. Eis tudo!

Foi na Grécia que surgiu o ezame do arranjo universal, em pleno domínio do politeísmo, séte séculos antes de S. Paulo, Tales e Pitágoras — os fundadores da filozofia helênica, — fôrão tambem os seus iniciadores, assinalando as primeiras leis geométricas. Seus sucessores continuárão a elaboração sientífica até que o maiór dentre eles, o incomparável Aristóteles, esbóça o conjunto do saber pozitivo. Então a siência destaca-se do tronco filozófico e proségue izolada a própria evolução. Eudóxio de Cnido fórma o élo entre os filózofos sábios, e os sábios especialistas, cujo mais eminente reprezentante, Arquimédes, lança as bazes da lógica trancendente e da mecanica geral. Um século depois, Hiparco constitúi definitivamente a astronomia abstrata que o próprio Eudóxio havia fundado. A conquista romana espalha pelo mundo os frutos da evolução grega. Mas o descalabro do Olimpo, deixando sem direção moral o vasto colosso, fás em bréve convergir para a regeneração humana as inteligências e os corações religiózos. A escóla de Alexandria despéde nesse momento os últimos lampejos. A siência pareceu sustar os passos triunfantes; assistiu impassivel ao embate dos monoteísmos na Europa; e esperou que houvéssem concluido ambos a sua missão social. Néssa época, trazida pelo crecente de Maomé, como outr'óra nas águias do Capitólio, éla penétra de novo no seio do Ocidente.

Enquanto os XIV e XV séculos trabálhão surdamente no esfacelamento do regímen católico-feudal, formando as ditaduras monárquicas e levantando as igrejas nacionais, a álgebra se constitúi e se espalha. No XVI século Viéte, completado em bréve por Harriot, leva-a aos limites de sua cultura izolada: e Copérnico prepara a plena emanci-

pação da razão coletiva, inventando o verdadeiro sistema do mundo. Ao mesmo tempo o protestantismo organizava as discussões anteriores e torturava o cérebro humano com a decifração estéril da Bíblia!

Galileu abre o século seguinte com a demonstração do movimento da Térra, e lança os fundamentos da fízica com Torricelli e Pascal; Kepler codifica a legislação planetária; Bacon abrange na investigação pozitiva os estudos sociais e morais; Descartes completa ésta elaboração lógica e cria a filozofia matemática pela fuzão da álgebra com a geometria, como aplicação do método universal. O século se encérra com a concluzão do monumento carteziano por Leibnitz, e o rezumo das leis de Kepler por Newton.

E o revolucionarismo a proseguir sempre na sua demolição sistemática, sobresaltando os espíritos e os corações com o desmoronamento da órdem antiga, e sem deixar perceber a evolução construtora que se operava a seu lado. No entanto o caráter eminentemente orgánico da siência já se patenteava na inconcussa estabilidade de seus dógmas. Apezar da retratação teológica, a fé pozitiva invadira a totalidade dos espíritos ocidentais; estabelecera um laço insuperável no momento em que a metafízica proclamava a insubordinação da razão individual; e firmava a supremacia dos hômens de siência no apogeu mesmo do aniquilamento da vélha autoridade religióza.

Fontenelle liga o XVII ao XVIII século. A escóla de Diderot e de Hume coleciona então os materiais para edificação da sociologia e da ética pozitiva: Lavoisier constrói a química; G. Leroy demonstra a homogeneidade da organização moral e intelectual do hômem e dos animais superiores; Condorcet esbóça o quadro dos progréssos do espírito humano, no mais agitado da tormenta; e Cabanis prepara a teoria das relações entre o fízico e o moral do hômem, justamente quando se consuma a tremenda catástrofe. O mundo antigo acabava de dezabar, antes que a siência houvésse concluído o ciclo de sua grandióza evolução; e o teologismo democrático, galgando a suprema direção política na pessoa de Robespierre, prepara o advento de Bonaparte.

O bandido penétra facinado no terrível senário; profana as vítimas; arranca-lhes as insígnias; decóra-se com os faustos da realeza e envólve-se no manto gloriozo de Cézar. Depois arreia com os ouropéis dos nóbres os chéfes da soldadesca; cóbre com os andrajos sacerdotais as múmias do cléro envilecido; dilacéra finalmente a túnica imaculada dos enciclopedistas, e distribúi os farrapos pelos pretorianos da siência. Passada a estupefacção do primeiro instante, os reis colígão-se; encarcérão em Santa Helena o comediante cruel; consérvão, porém, o arcabouço nefando em que ele amalgamara todos os elementos da retrogradação.

Embóra! a evolução construtora não pára. Enquanto o academicismo oficial ensaia a conciliação monstruóza da siência e da Bíblia, e forceja por anular o decréto suicida lavrado pelos teólogos na sentença de Galileu, Bichat funda a esplicação sientífica da vida, que Broussais devia completar mais tarde; Gall formula uma teoria pozitiva da alma, erigindo o cérebro em órgão supremo dos atributos nóbres. Por seu lado, os grandes pensadores da Restauração, rezumidos em De-Maistre, demônstrão a irracionalidade da doutrina revolucionária e esbóção a esplicação definitiva da idade-média. Néstas condições surge Augusto Comte; condensa em si os labores das gerações anteriores; constrói a siência social; funda a moral; e espõe pela primeira e única vês a esplicação pozitiva do mundo, da sociedade e do hômem. A turba dos interessados na perzistência da situação que Bonaparte sistematizara, — e que tem sido fundamentalmente mantida por todos os governos, — sobresalta-se, amotina-se; tenta debalde embargar a prodigióza construção pelo silêncio e pela fome, pela calúnia e pela dezerção. Os dicípulos grúpão-se em torno do mártir; resguádão-lhe a vida e a honra dos assaltos das mediocridades pedantocráticas; e quando ele transpõe a imortalidade, P. Laffitte aceita a dificilima sucessão de sua glorióza ezistência. Estava concluída a redenção humana!

Eis aí em largos traços a evolução em meio da qual se construíu o dógma sientífico. Constituído pelo conjunto de leis que régem todos os fenômenos, ele é sucetível de impor-se a todos os espíritos, porque é a continuação do bom-senso vulgar, isto é, a sistematização dos conhecimentos obtidos pela observação comum. A história basta para atestar o seu irrezistível acendente, pela unánime aceitação que vai adquirindo sem violências e mau grado todas as opozições. E' o que demonstra ezuberantemente o dógma do movimento da Térra.

O rezultado prático é que fica assim traçado um limite á nóssa atividade, fóra do qual seria quimérica toda esperança de intervenção, e toda modificabilidade; mas em cujo ámbito pódem elevar-se seguramente os melhoramentos que permítem o cabal dezenvolvimento moral de nóssa espécie.

A consequência social é que fica assim construída uma doutrina sucetível de universalidade, apta a estender-se a todos os póvos da Térra pela ação escluziva de uma propaganda pacífica. Isto significa a possibilidade de constituir-se uma **opinião pública** que nada será capás de desviar nem corromper, e que desde então poderá tornar-se o juís do procedimento de grandes e pequenos.

Maióres, porem, são os rezultados morais da construção do dógma sientífico. Com efeito, dele rezulta que o hômem e os animais superiores possúem os mesmos órgãos, e que a única diferença consiste na maiór ou menór intensidade de cada um destes nos vários individuos; e demais, confórme a demonstração de G. Leroy e Gall, os animais não só possúem instintos egoístas, mas aínda são dotados de paixões altruístas, o apego, a veneração, e a bondade. Desde então o sentimento do **dever** nos léva a respeitar não só os póvos de civilização inferior, mas aínda os próprios animais, procurando elevá-los até o nível moral, intelectual e prático a que houvérmos atingido, e não aniquilando-os sistemáticamente a pretesto de uma inferioridade incorrigível. Suprímem-se, portanto, os ódios nacionais e os preconceitos de raça, que só pódem aproveitar aos que esplórão a espécie humana para satisfação do egoísmo, pessoal ou nacional, pouco impórta.

A elaboração sientífica não rezume porem o destino social da inteligência; acima da atividade está o sentimento que lhe dá o impulso, e que não basta esclarecer, é necessário ezaltar tambem. Tal é o fim da **arte**.

A **siência** desvenda ao coração os entes que devemos servir, mas é a **arte** que nos revéla todo o encanto e todas as delícias da dedicação, pondo em relevo as qualidades eminentes que os tributos inferiores poderião velar. Ambas reprezêntão a ezistência real; mas a minuciozidade sientífica tórna difícil a justa apreciação do aspéto afetivo dos entes que adoramos. A arte, pelo contrário, abstrai tanto quanto possível das imágens capazes de incitar os instintos egoístas, e só combina os elementos sucetíveis de provocar emoções dezinteressadas. E' nisto que consiste a idealização verdadeiramente artística; a idealização de Homéro, Sófocles, Virgílio, Dante, Shakespeare, Calderon, Cervantes, Kempis, Tasso, Camões, Walter Scott, Corneille, Moliére, Rafael, Miguel Angelo, Mozart, e tantos outros.

Em nóssos dias, porem, uma escóla pervérsa inverteu o destino da

abstração afetiva, realçando o aspéto egoísta dos fenômenos inferiores e amesquinhando tudo quanto é sucetível de ezaltar os bons estímulos da natureza humana. E éssa monstruozidade chamou-se indevidamente o **realismo!** Indevidamente; porque, si é real a ezistência de atos que só pódem incitar as paixões ruins, é real tambem a ezistência de fenômenos que só comóvem os sentimentos nóbres. Onde, portanto, o fundamento de atribuir-se realidade aos primeiros, com escluzão sistemática dos últimos?

O que é verdade é que esses espíritos fázem convergir a **abstração estética** para o mesmo aniquilamento moral a que os acadêmicos já havião conduzido a **abstração sientífica**. Os universitários pervértem assim o coração dos chéfes, enquanto os corifeus do realismo corrômpem o senso moral das populações. Similhantes degradações hão de porem dezaparecer no dia em que uma opinião pública fortemente constituída fizer voltar a arte ao sublime destino que lhe assinala a evolução humana.

A **indústria** tem por objéto a modificação de nóssa situação material, como baze indispensável de nósso amplo dezenvolvimento moral. Éssa operação consiste em: 1º, acumular e distribuir as substáncias alimentícias de módo a tornar a nutrição sólida tão fácil como a nutrição aquóza ou aérea; — 2º, modificar a superfície do planeta; transformar as produções naturais e difundi-las assim elaboradas, tendo sempre em vista as ezigências morais e sociais, — habitação, vestuário, culto e comunicação; — 3º, fabricar os instrumentos destinados a facilitar esse duplo **desideratum**, o que se realizou pela invenção das máquinas e criação da moéda. E' esse conjunto de produtos da ação real e útil do hômem sobre o mundo esterior que se denomina o **capital**.

A sua formação rezulta de duas leis descubértas por Augusto Comte: 1ª, que cada hômem produs mais do que consome; 2ª, que os materiais produzidos pódem ser conservados alem do tempo necessário para sua renovação. Daí as duas funções industriais: **produção** e **conservação**, completada ésta pela **circulação** que ezige o destino social e moral da riqueza humana. A segunda se tórna cada vês mais importante, porque a soma trazida pela produção é de mais em mais insignificante, quando se compara ao capital já acumulado pelos esfórços das gerações passadas. Éssas duas funções ezígem órgãos especiais e determínão a divizão da sociedade em **proletariado**, isto é, **trabalhadores**, e **patriciado**, isto é, **administradores** do capital humano; e, por outro lado, a natureza desse **capi-**

tal e as necessidades de sua distribuição social e moral decompõem o elemento industrial em quatro classes. Na baze os produtores e conservadores dos alimentos — **agricultores;** — acima os produtores e conservadores dos instrumentos de trabalho — **fabricantes;** — lógo após os agentes da circulação diréta dos produtos — **negociantes;** — e dominando a todos, os órgãos da circulação indiréta — os **banqueiros**.

Tal é a constituição normal da indústria humana; mas éssa constituição ezigiu, como a siência, o esforço contínuo das gerações que nos precedêrão. O seu berço ocidental foi a **escravidão** dos póvos vencidos durante o período militar de nóssa evolução. Desde, porem, que a assimilação romana pôs termo á conquista, fazendo surgir o problema da **pás universal,** a dignidade industrial se foi alevantando. O sérvo da gléba substituíu-se ao escravo, e em bréve a sua emancipação foi compléta, graças ao cultivo dos sentimentos humanitários pela civilização católico-feudal. O rezultado foi a pronta separação dos industriais em trabalhadores e empreiteiros desde os fins do XIII século, e a constituição das **comunas,** cuja acensão deu em rezultado o aniquilamento do regímen mediévo. Enquanto se operava esse trabalho de desmoronamento, surgião sucessivamente os comerciantes e banqueiros, que viérão trazer ao regímen modérno os últimos elementos de sua organização prática.

Mas tudo isso operou-se anárquicamente em meio das mais violentas comoções que, acarretando a quéda do regímen católico-feudal, sepultavam sob as ruínas do teologismo e do militarismo os rezultados sociais e morais da evolução ocidental na pujança de sua grandióza espansão. A orígem servil das nóvas classes dezenvolveu esse egoísmo mercantil que deu em rezultado a política colonial, a escravização monstruóza dos mizeros fetichistas, e aínda hoje devasta o planeta no mais cínico de todos os banditismos. O trabalhador abandonado de seus antigos companheiros de servidão, esplorado por eles, que se havião ligado á nobreza decaída de seu antigo prestígio moral, continua á mercê de todas as privações, no intérmino suplício de saciar a voracidade inezaurível de seus nóvos senhores. Tal é a situação do Ocidente, do qual fazemos parte. E' assim que a baze imprescindível da ezistência coletiva, — esse imenso capital que, pondo cada hômem ao abrigo das necessidades materiais, devia proporcionar-lhe os meios de dedicar-se inteiro ao bem-estar comum — tornou-se o mais monstruozo de todos os instrumentos de opressão.

Mas tudo rezultou da falta de **opinião pública** capás de tornar o

número uma força homogênea, sucetível de impor á riqueza o cumprimento de suas funções normais. Quando o proletariado se houvér elevado á compreensão pozitiva dos fatos; quando ele tivér reconhecido o conjunto de leis que régem o mundo, a sociedade e o hômem, todos esses inconvenientes hão de dezaparecer; porque os administradores do capital humano **cessarão de ser escravos emancipados**.

Com efeito, a indústria e as artes são as únicas atividades sucetíveis de dezenvolvimento sem opressão; basta para isso a moralização da espécie humana. Ao passo que não ha moralidade sucetível de mudar a natureza violenta da guérra, e do regímen que lhe corresponde.

Só a indústria pôde realizar a aprossimação de todos os hômens pela sua íntima combinação com a siência, de que é a mais elevada espressão a tipografia. Si parte a alma contemplar as ruínas produzidas pela profanação dos grandes inventos sientíficos e industriais, desviados do eminente destino que lhes traçárão os beneméritos da Humanidade, seus primeiros inventores, résta-nos a consolação de que são apenas perturbações momentáneas, cuja lembrança dezaparecerá no olvido com que as gerações por vir hão de estigmatizar éssas produções monstruózas da anarquia modérna.

A **educação** tem por objéto a elevação moral do hômem, tornando-o apto ao preenchimento espontáneo de suas funções sociais. Como toda a **arte prática,** a educação teve uma faze empírica que rezultou do ezercício instintivo de nóssos órgãos cerebrais: a inteligência revelando-nos os objétos capazes de satisfazer os nóssos impulsos altruístas, e estes conduzindo-nos a subordinar a vida humana á sua direção. Formárão-se por este módo os primeiros atos de amor e pureza, que o ezercicio dezenvolveu e transformou em hábitos inconsientes e mais tarde em **preconceitos,** fixados na decendência pela hereditariedade. Desde que a formação do capital permitiu a conservação da mulhér e dos vélhos, pela maiór espansão de apego, veneração e bondade, a necessidade que tínhão ambos de proteger-se contra a inconstáncia masculina levou-os a estudar os móveis das ações humanas. Só assim conseguirião dirigir um indivíduo que lhes éra superior em forças. Desde então a educação tornou-se mais regular pela influência das mãis e dos anciãos. Em bréve a esperiência destes assegurou-lhes o acendente social que permitiu o advento do sacerdócio, isto é, dos diretores do hômem pelo conselho, e cuja autoridade rezultava dos seus conhecimentos práticos.

Ora, a conduta do hômem tornando-se tanto mais difícil quanto

mais vasta é a sociedade, porque as relações aumêntão tambem; e, por outro lado, o sacerdóte não podendo assistir individualmente a todos os hômens em todas as circunstáncias da vida, foi-se conduzido a considerar em abstrato os cazos mais comuns e a **formular** régras para eles. Tal é a orígem dos **preceitos morais** que fórmão o fundo de toda civilização, muitos dos quais são méros hábitos nas populações mais afortunadamente colocadas.

Esse passo capital permitiu desde então o dezenvolvimento **sistemático** da educação. Com efeito, estava criada a **teoria abstrata do hômem,** isto é, a **moral teórica**.

Como todas as nóssas concepções, éssa teoria passou por três fazes, teológiça, metafízica e pozitiva. Na faze teológica as régras morais, reveladas pela observação dos fenômenos humanos tômão um caráter divino, isto é, submétem-se ao império das **vontades** superiores por meio das quais o hômem esplica os fatos que se pássão em torno de si. Nisto, como em tudo quanto ha de real no período teológico, a esplicação sobrenatural é apenas a fórmula de uma **lei** descubérta pelo ezame pozitivo dos fatos correspondentes, segundo o teorema fundamental do Sr. P. Laffitte.

Enquanto a situação foi militar, e portanto compatível com as concepções teológicas, os grandes hômens que dirigírão os destinos espirituais de nóssa espécie pudérão adaptar o vago de similhantes concepções ás necessidades sociais e morais. Em bréve, porem, o progrésso afetivo, realizado sob a tutéla de similhantes concepções, determinou em todas as almas a aspiração para um regímen de pás e concórdia; e, por outro lado, o advento definitivo da indústria solicitou o dezenvolvimento sientífico. Então a teologia — que afastara o hômem da Térra, que fizéra do trabalho um castigo, e negara sistemáticamente a ezistência de bons estímulos na natureza humana, — tornou-se de todo ponto incompatível com a situação social e moral do Ocidente. As condições de progrésso ezigírão o rompimento da órdem; e o rezultado foi o abandono de todas as práticas tendentes ao nósso aperfeiçoamento íntimo, envoltas na mesma condenação que ferira de mórte o órgão provizório délas.

Em lugar da moral teológica que, embóra sob a ficção da divindade, formulava régras pozitivas para as divérsas situações da vida, surgiu a moral metafízica, que nos deixou á mercê de todas as sugestões, abandonando complétamente ao acazo o difícil e capital problema da formação moral do hômem.

"A moral metafízica, dis Pierre Laffitte, a moral metafízica concébe os fenômenos morais como efeitos incompreensíveis de uma entidade abstrata peculiar a cada hômem, a consiência, considerada como órgão diréto de uma vontade superior, a Natureza. Em virtude de similhante doutrina, é a consiência que sucita, esplica e justifica todas as ações do indivíduo; nas questões mais complicadas, como nas mais simples, éla nos ensina, por inspiração e sem ezame nem análize preliminar, como nos devemos conduzir, quais os preconceitos e hábitos que dévem prevalecer. Para ser perfeito, o hômem só tem que obedecer em tudo e por tudo á sua consiência e conformar o seu procedimento com o que lhe prescrever o interésse bem entendido. O conjunto das condições necessárias á independência do indivíduo foi formulado na teoria do direito, anterior, superior, inalienável, imprescritível.

"Tal foi a concepção que supriu a incompetência evidente do público e lhe permitiu lutar contra abuzos que se havíão tornado insuportáveis. Isso com tanto maiór facilidade quanto, julgando da situação prezente pela sua comparação com um estado primitivo imaginário, chamado da natureza, ficava-se independente de qualquer tradição, cujo apelo constituia o mais poderozo argumento em prol de um regímen opressor. A moral teológica e a autoridade real ezígem atos que repúgnão ao coração e á razão? Invóca-se o **direito** e obedéce-se á **consiência**. A espontaneidade e a comodidade do procésso constituírão a sua ecelência como instrumento de luta e de demolição; e, tão bem satisfês ele ao seu destino, que as nações ocidentais o adotárão e puzérão em prática.

"Em si mesma, similhante doutrina é pueril e incapás de fornecer soluções reais; não poderia, pois, satisfazer indefinidamente. **Arbitrária,** éla só permitiu destruir a teologia, estabelecendo a anarquia; **contraditória,** éla aprezenta todos os inconvenientes da teologia; e, si devesse durar, milhór fôra o Catolicismo. J. J. Rousseau, que é o mais popular dos vulgarizadores do dógma revolucionário, oferéce o tipo dos perigos désta concepção da natureza humana. Na **Profissão de fé do vigário saboiano,** ele espõe assim o seu princípio com todas as contradições que o caraterízão:

Consiência! consiência! instinto divino, vós imorredora e celéste, guia seguro de um ente ignorante e mesquinho, mas inteligente e livre! juís infalível do bem e do mal, que tórnas o hômem similhante a Deus!

és tu que fazes a ecelência de sua natureza e a moralidade de suas ações; sem ti nada sinto em mim que me eléve acima dos brutos, a não ser o triste privilégio de perder-me de erro em erro, graças a uma inteligência sem régra, e uma razão sem principio.

"E sob ésta inspiração, continua P. Laffitte, meteu os seus cinco filhos na róda dos Espóstos e coluniou os maióres hômens do seu tempo que havíão sido seus amigos e benfeitores."

Tanto é verdade, cidadãos! que mais vale reconhecer-se o primeiro dos animais do que o último dos anjos!

Enquanto, porem, o revolucionarismo metafízico sistematizava por toda parte a auzência de princípios para a direção humana, o coração feminino, os poétas, os moralistas e os verdadeiros hômens de governo esforçávão-se por salvar os grandes princípios morais da tutéla teológica, formulando o sacrifício, independente de qualquér consideração interessada, segundo a mássima sublime da cavalaria mediéva: **Cumpre o teu dever, suceda o que suceder.** Foi assim que se acumulárão os materiais que havião de permitir a Augusto Comte a fundação da **moral pozitiva,** cuja construção os acontecimentos reservárão a seu sucessor, P. Laffitte. Sobre éssa teoria pozitiva da natureza e da situação do hômem é que se apoia a grande arte que tem por objéto a **elevação** moral de nóssa espécie, a **educação,** em uma palavra.

A educação pozitiva bazeia-se num conjunto de fatos que todos pódem verificar nos mais triviais momentos de nóssa vida; e toda éla rezume-se na cultura assídua do sentimento moral — o **dever**. O **dever** é uma função realizada por um órgão livre; e função quér dizér, neste cazo, o concurso para manutenção de um ente coletivo, a Família, a Pátria, a Humanidade.

Esta função rezulta do concurso da inteligência, que nos demonstra as leis de ezistência dos entes superiores, e dos sentimentos altruístas que nos lévão espontaneamente a submeter-nos a éstas leis, mesmo com o aniquilamento do indivíduo, quando o ezige o serviço dos entes que amamos. Dezenvolver, portanto, a inteligência, dando-lhe o conhecimento déstas leis pela instrução sientífica; ezaltar os sentimentos generózos pela reprezentação estética déssas ezistências superiores; instituir a cultura pessoal e coletiva desses estímulos pela prática que a esperiência houvér sancionado; dar á atividade um destino altruísta, consagrando os nóssos esfórços pessoais ao aumento e conservação do capital humano; tais são os meios infalíveis de conseguir o acendente contínuo do **dever**.

O hábito dezenvolverá éssa harmonia suprema de nóssos órgãos cerebrais, e a hereditariedade fará de nóssos filhos os depozitários de todas as riquezas afetivas que houvérmos assim acumulado.

De tudo quanto acabo de repetir-vos rezúltão éstas três consequências:

1ª. Possibilidade de uma crença unifórme em todo o planeta; isto é, a sínteze de todos os pensamentos. Crença que ha de triunfar sem recorrer jamais á violência, e que se ha de manter pela livre aceitação de todos os espíritos.

Um pequeno número de hômens bastará para ensiná-la a cada geração que surgir, e dar-lhe os dezenvolvimentos que a situação social tornar oportunos.

2ª. Possibilidade do concurso de todas as atividades na elaboração do capital humano.

3ª. Possibilidade da pás universal, pela educação, que tornará impossíveis as violências interiores e as opressões estérnas.

E quando éssas três consequências possiveis se houvérem convertido em outras tantas realidades, terá chegado o pleno dominio do regimen livre para o qual tende invariávelmente a espécie, e pelo qual suspirárão em todos os tempos as almas dos grandes eleitos da Humanidade.

Não seremos nós, cidadãos, que havemos de assistir ao estabelecimento déssa éra de amor sem ódios; de grandeza material sem aviltamentos; de liberdade sem degradações e anarquia; mas de nósso esforço depende aprossimar-lhe o advento e poupar a nóssos filhos os dilaceramentos de nóssa situação atual. O **tempo** é o elemento indispensável em tudo quanto tem feito o hômem de grande e verdadeiramente estável. Compreende-se que nóssos pais — que acreditávão na intervenção divina em pról do hômem; que suplicávão dos seus diretores fictícios **milagres** para satisfação de seus dezejos, — julgássem realizáveis todas as transformações instantaneamente. Então o santo ambicionava andar sobre as águas, elevar-se aos ares, transpor as montanhas, pela força mística de suas virtudes, que lhe atrairia a graça celestial. Talvês mesmo as alucinações de seu espírito convertêssem tais votos em realidades para ele. A massa, porem, dos hômens ficava como dantes ao dezamparo, enquanto os escolhidos de Deus **transformávão** o mundo ao sabor de seus caprichos. A teoria democrática da sabiduria inata do povo transportou para as massas esse poder onímodo de transformação repentina; fês depender a felicidade pública e a regeneração social da sincéra manifesta-

ção de similhante vontade; e a esperiência veio demonstrar a sua impotência, como já havia demonstrado a incapacidade teológica.

O espírito pozitivo não procéde assim; ele sabe e proclama que nem todas as transformações são possíveis; que nóssa intervenção prática tem limites, e esfórça-se por determinar préviamente esse limites construíndo a **siência abstrata.** Uma vês, porem, realizada éssa operação preliminar, bazeado no conhecimento que éla lhe fornéce, atende ás prescrições do sentimento e méte hombros a emprezas verdadeiramente colossais. Então, cidadãos, não é o místico que satisfás egoisticamente as aspirações de sua alma; é a população humana inteira que transpõe os oceanos pelo navio, arrebata-se aos ares pelo aerostato, centuplica as forças pelo vapor, domina o raio e compléta por seu intermédio a unificação cerebral de todos os hômens.

Nem a vontade de Deus, nem a soberania popular influírão para esses rezultados; o sábio elabóra, com o concurso de seus contemporáneos, segundo as leis fatais de evolução, os cabedais anteriores acumulados; inventa e demonstra; convêncem-se e persuádem-se os hômens; e o trabalho coméça. Córrem os dias, e muitas vezes os anos; as gerações se sucédem afadigadas nos mesmos labores, alentadas pela esperança de que seus filhos hão de gozar déssa felicidade que é óbra sua; até que chega o momento de marcar um novo benefício das gerações que passárão, um novo elemento de grandeza das gerações que ficão e se hão de suceder na imensidade dos séculos.

Tudo isto é lento e bem lento, mas é seguro. Pois bem, esse espírito pozitivo, cuja superioridade se tem evidenciado em todos os domínios inferiores da atividade humana déve introduzir-se hoje nas artes superiores que sistematízão a modificação da sociedade e do hômem, — a política e a moral. O filósofo já assimilou, inventou e demonstrou, construíndo a sociologia e a moral; résta convencer e persuadir os hômens pela propaganda, que trará a regeneração mental e moral primeiro, e, como consequência última, a refórma política das sociedades humanas.

O interésse póde dezesperar-se e negar o seu concurso para a conquista de uma felicidade que não ha de desfrutar; mas o amor social rezigna-se corajózamente e preliba inesgotáveis gózos na contemplação da grandeza por vir, pela qual trabalha.

Foi o quadro déssa grandeza que Augusto Comte antecipadamente traçou; á sua realização consagrárão a ezistência ele e o pugilo de discípulos que se lhe conservárão fiéis. Devo, portanto, aprezentar-vos rápida-

mente éssa vasta construção como baze das medidas que a nóssa situação pilítica aconselha (1)

Toda a sociedade é constituída por um conjunto de elementos separados, cada um dos quais póde sentir a própria cooperação. A lei fundamental de sua ezistência formulada por Augusto Comte, segundo Aristóteles, consiste na **divizão dos ofícios e convergência dos esfórços.** Óra, este fato seria impossível sem a formação prévia do **capital** humano, que se funda nas duas leis acima mencionadas. Uma vês produzida, éssa divizão dos ofícios determina em cada indivíduo a cultura de cértas funções e o maiór ou menór abandono de outras. Daí rezulta que as diferenças individuais se vão pronunciando em virtude do ezercício e fixando na decendência pela hereditariedade.

O dógma revolucionário da igualdade inata de todos os hômens é a negação sistemática de similhantes diferenças. Basta, porem, contemplar dois animais quaisquér, mesmo em pleno estado de liberdade selvágem, para reconhecer a falsidade de similhante pretenção. A verdade pozitiva é que todos os animais superiores, incluzive o hômem, possúem os mesmos órgãos: todos eles sêntem, todos eles móvem-se, todos eles pênsão; mas a aptidão sensitiva, motrís ou intelectual, varia de um para outro. São méras diferenças de intensidade em fenômenos comuns; mas são diferenças pozitivas que não poderemos negar sem ir de encontro ás indicações do bom-senso público.

Óra, si éssas diferenças ezístem; si a divizão dos ofícios, que é fatal, as agrava a cada instante; pretender nivelar a sociedade é tamanho absurdo como tentar o estacionamento de nósso planeta. O espírito pozitivo não néga o que é evidente; aceita os fatos e procura tirar deles o maiór proveito para todos os hômens, bazeando-se na ezistência tambem real, tambem evidente, dos instintos simpáticos, que assegúrão a fraternidade universal.

Desde que os hômens vão assim especializando as suas aptidões, o concurso se vai tornando mais difícil: 1º, pela impossibilidade de ajuizar cada um por si das necessidades comuns; 2º, porque se tórnão imprescindíveis maióres restrições aos impulsos egoístas da natureza humana. Daí a urgência de uma força que mantenha o dezenvolvimento de cada função, segundo as ezigências sociais, e restrinja as espansões perturbadoras do interésse individual: tal é o fundamento do governo.

Uma força satisfazendo similhantes condições só póde provir de um indivíduo que rezuma em si os elementos de convergência e discipli-

na rezultantes da ezistência coletiva. Com efeito, em primeiro lugar um indivíduo izolado, sem nada haver recebido da sociedade, devendo tudo a si mesmo, é uma abstração monstruóza. Onde quer que se encontre o hômem, ele pertence a uma cérta família e a uma cérta tríbu pelo menos. Portanto, cada hômem só por si já reprezenta um rezumo de cérta ezistência coletiva de quem recebeu os dótes que possúi pela hereditariedade e pela educação. Restrito, porem, a estes dótes, ele é incapás de representar uma verdadeira força social, porque a influência puramente pessoal, por mais vigoróza que seja, é fácilmente superada pelo mínimo concurso. Por outro lado, qualquér elemento social de convergência e disciplina é ineficás quando não se rezume em um órgão individual. Para prová-lo basta considerar a **riqueza** e o **número.** Que póde valer o imenso capital acumulado pelas gerações tranzatas, antes que um cérto indivíduo se apodére dele e o aplique? Que impórta a atividade de milhares de hômens, si falta quem os condense e funda em um único impulso?

Não só é necessário rezumir em um indivíduo os elementos sociais de convergência e disciplina, mas ainda o bem-estar geral ezige que a concentração seja tão vasta quanto possível. Assim, a riqueza só é sucetível de verdadeira eficácia social quando se opéra a formação das grandes fortunas. Dispérsa pelos pequenos propretários, éla só permite o advento déssas classes híbridas da sociedade que constitúem a burguezia modérna. Então, o capital superabundando para as necessidades reais da ezistência doméstica desses poucos, e sendo insuficiente para as grandes operações políticas e sociais, o ecésso é consumido em satisfações puramente egoístas. Tal é o fundamento social e moral da grande propriedade; o inconveniente não é que éla ezista, e sim que os depozitários do capital humano divírjão o seu destino, consagrando-a á satisfação escluziva de suas paixões individuais. E o remédio não é suprimí-la, porque seria atentar contra a ezistencia coletiva; é socializar o emprego do capital pela moralização dos depozitários naturais da riqueza pública, e a organização sobre bazes sientíficas déssa

Raínha da Térra inamolgável

que se denomina a **Opinião.**

Similhante organização ezige uma doutrina aceita por todos, que indique a cada um os deveres que lhe incúmbem, e em nome da qual sêjão julgados indiferentemente grandes e pequenos. Mas isso não basta, porque o juízo supõe a aplicação da doutrina, e éssa aplicação ezige o

conhecimento habitual da situação coletiva, e o estudo das necessidades sociais a cada momento; alem de que a eficácia da sentença tórna necessário o ensino geral da doutrina. Ora, como satisfazer necessidades tão compléxas, sem que alguns membros da sociedade se conságrem especialmente a ésta função nóva, com inteira independência, isto é, sem que ezista uma corporação espiritual, distinta das autoridades temporais? E como manter néssa corporação a convergência e a disciplina, ezigida pelo interésse coletivo, sem rezumí-la em um cérebro único, órgão derradeiro da **Opinião** que tambem será a única em todo o planeta, com o advento da fé sientífica? Assústão-se com a prepotência possível; mas, como? si os dógmas são sucetíveis de demonstração, e déve ezistir a mais ampla liberdade de pensamento; como? si a iniciação sientífica será comum a ambos os séxos em todas as classes, e o supremo chéfe não poderá dispor da mínima dominação material, mesmo a riqueza. O conselho demonstrado e o conceito de suas virtudes constituirão todo o fundamento de seu prestígio, escluzivamente moral.

E demais, para que esses temores sofísticos? A falta de confiança nos chéfes é ainda um dos caraterísticos do método revolucionário: éla rezulta da negação dos instintos simpáticos no coração do hômem e do não reconhecimento das leis naturais em política e moral. Daí a supozição de que a autoridade tende sempre a servir o próprio intéresse e a crença na possibilidade de todos os abuzos, como si o governo pudésse transformar-nos em deuzes. O espírito pozitivo é corajoso em política e moral, como em todos os outros domínios de nóssa atividade; e corágem, néssas condições, significa a confiança na mais sublime de todas as forças naturais — o altruísmo. Confiança inteira e plena responsabilidade, dis Augusto Comte, eis o duplo caráter do regimen pozitivo. Pois não entregais quotidianamente a vóssa vida á discrição dos navegantes, dos engenheiros, dos químicos, dos médicos, de todos os hômens, em suma, cuja autoridade se bazeia na crença de possuírem siência e moralidade? Porque, pois, não confiá-la aos grandes chéfes espirituais, quando eles rezumírem em si o conjunto das siências e das virtudes humanas?

E demais, sejamos francos! Para que iludir-nos? Para que cerrar os ólhos á evidência? Para que negar o que se está realizando em torno de nós?

Similhante poder ezistiu em todas as épocas, sem ecetuar os tempos de anarquia que atravessamos. (2) Com efeito, que outra coiza são

as academias que administrão na colação do grau o sacramento da **admissão** ás funções mais elevadas da sociedade, e que distribúem o ensino oficial, sinão corporações sacerdotais subservientemente colocadas sob a tutéla da autoridade civil? (3) Que outra coiza é o literato? Que outra coiza é o jornalista, que pretende aconselhar o público; que julga e decide de tudo e de todos; que possúi um **Indice** sob o pretesto de crítica literária; que avalia o alcance dos nóvos inventos sientíficos e industriais; que se erige em diretor da moralidade pública e censor quotidiano de todos os poderes, incluzive as academias; que concéde ou recuza aos mórtos finalmente o sacramento da **incorporação?** (4) O que são o jornalista e o literato sinão sacerdótes? E, o que mais é, sacerdótes dispensados das próvas de capacidade intelectual e moral, como jamais o fôrão os sacerdótes antigos; sacerdótes sem nenhum dos deveres, como abstenção de riquezas, que os franciscanos havião reconhecido indispensável ao ezercício do poder espiritual, e ensino sistemático comum que os jezuítas se impuzérão; sacerdótes enfim tendo por única moralidade obrigatória a que rezulta da observáncia das prescrições do código criminal. (5) E são justamente esses espíritos, acadêmicos, jornalistas e literatos, que mais se elévão contra o poder **espiritual** constituído por Augusto Comte quando, sistematizando a ação intelectual e moral dos grandes filózofos, desde Pitágoras até Diderot, fundou o sacerdócio pozitivista em substituição do sacerdócio teológico.

Similhante corporação não tem outras funções que não as que se arrógão os seus detratores atuais. Sómente o ezercicio de tão elevado cargo, no Pozitivismo, supõe uma instrução sientífica que abranja a matemática, a astronomia, a fízica, a química, a biologia, a sociologia e a moral, unida ao dever de ensiná-las em cursos públicos e gratuitos; supõe a aprendizágem e o ezercício da medicina; a abstenção de qualquér dominação material, mesmo a riqueza; a suprema moralidade da monogamia completada pelo vóto de etérna viuvês; a madureza aos quarenta e dois anos; e, como rezumo, o dever da defeza de todos os fracos contra a opressão de todos os fórtes.

Esse conjunto de garantias intelectuais e morais tem sido o verdadeiro móvel das acuzações levantadas em nome da liberdade contra o mais livre de todos os hômens; aquele que, aínda menino, fazia vótos pela libertação espanhóla, e mais tarde proclamava a seus compatriótas o dever de abandonar a Algéria. (6) Esse tem sido o verdadeiro móvel das ca-

lúnias de obscurantismo e prepotência urdidas pelos acadêmicos, jornalistas e literatos contra o filózofo que consagrou a sua longa ezistência á elevação intelectual e moral do proletariado, sem jamais submeter-se a despotismo algum, quando eles tornávão-se os instrumentos servis de todos os governos; que fundou a Instituição Politécnica para difundir o ensino sientífico pelos operários, e néla ensinou por espaço de dezoito anos a mais emancipadora de todas as siências — a astronomia, — quando eles diplomávão os filhos da burguezia enriquecida, tornávão-se o seu sustentáculo na opinião, e corrompíão a moralidade pública pela idealização de todos os cinismos; que terminou seus dias adotando como filha uma mulhér do povo, quando eles só procúrão as ligações dos grandes e poderózos da Térra.

Seja como fôr, éssas rezistências não pudérão impedir que se constituisse o novo sacerdócio cujo chéfe atual é Pierre Laffitte, o eminente continuador de Augusto Comte: e muito menos poderão obstar agóra que a sua autoridade e a de seus sucessores vá sendo reconhecida pela universalidade dos póvos. Em França, Inglatérra, Bélgica, Suécia, Brazil, Chile, Uruguai e Estados-Unidos, já a sua vós é escutada sem contestação por todos os que acêitão o conjunto da elaboração de Augusto Comte. E', portanto, a **Grande Opinião** que se érgue, lenta e segura como todas as construções imorredouras da nóssa espécie.

Fundadas sobre éla as pátrias dévem ser concebidas como associações destinadas a elaborar a baze industrial imprescindível á espansão moral da Humanidade. Desde então o seu território déve limitar-se aos marcos naturais que rezúltão do livre concurso das famílias, sem jámais empreender anexações violentas. O regímen intérno délas dedus-se deste princípio moral único: **dedicação dos fórtes aos fracos e veneração dos fracos para com os fórtes**. A dedicação dos fórtes rezulta da origem social de toda a força; e a veneração dos fracos provem da consagração de toda a autoridade como uma necessidade coletiva, proclamada pelo único poder irrezistível, a **opinião pública**, rezumida no sacerdócio da Humanidade.

As consequências imediatas deste princípio são: 1º, a izenção da mulhér, — o mais melindrozo de todos os entes humanos, — de qualquér concurso prático, limitando-se escluzivamente á ação moral pela educação e o conselho, como mãi, espoza, irman e amiga; 2º, o estabelecimento da monogamia sem possibilidade de divórcio, como garantia da proteção dada á mulhér, por um lado, e, por outro, como indispensável á

segura espansão dos frágeis rebentos que hão de constituir as gerações futuras, e cuja sórte interéssa á conservação da Pátria; 3º, a escluzão feminina de qualquer herança, porque a influência da mulhér déve ser estreme de qualquér mácula dominadora; ficando escluzivamente ao hômem o dever de sustentá-la.

A atividade tendo por objéto a elaboração industrial, o governo próprio dito, que é destinado á direção déssa atividade, déve ser constituído pelos chéfes industriais mais aptos a dominar o conjunto das necessidades práticas. Ora, o **banco** constituíndo a mais geral das indústrias, o patriciado respetivo é o único que satisfás a ésta condição. Daí a consequência de ser a direção política confiada aos três principais banqueiros, em relação respetiva com a agricultura, a fabricação e o comércio. A eles déve competir a direção suprema com plena confiança e inteira responsabilidade. A ezistência natural dos instintos simpáticos os levará espontaneamente ao cumprimento de seus deveres, jamais infringidos impunemente perante uma opinião pública moralizada, esclarecida e livre. A eles competirá tambem indicar os sucessores respetivos, em virtude do princípio que o profissional é o mais apto para julgar quem será capás de preencher a função que estava a seu cargo. Mas ésta escolha, publicada com antecedência, ficará espósta á apreciação cívica e sacerdotal.

Administrador de um capital cuja orígem coletiva é unanimemente reconhecida, o patriciado terá o dever de empregá-lo socialmente tambem. Para isso é necessário que cada cidadão tenha a propriedade inviolável do domicílio, sem a qual o estado nômade se prolonga aínda nas sociedades modérnas; e demais, cumpre atribuir-lhe um salário capás de proporcionar a vida de família, não como **paga,** porque o trabalho humano não tem **preço;** mas como baze de sua ezistência cívica.

A liberdade de pensamento deverá ser a mais ampla, e garantida por uma série de instituições puramente civis, que pônhão os cidadãos a cubérto de todas as crenças. O Estado só subvencionará uma doutrina quando éla for unanimemente aceita pelos cidadãos. Até conseguir similhante rezultado os sacerdócios das divérsas religiões serão mantidos pelos respectivos fiéis; e isto se entende tambem com as teorias sientificas especialistas. Liberdade espiritual quér dizer compléta abstenção do Estado em tudo quanto não for crença unánime.

Tres instituições rezumirão néssa época a constituição cívica: o **Cemitério,** urna sagrada de tudo quanto nos résta dos entes que nos amárão e a quem devemos quanto somos e quanto possuímos; a **Caza Comum,**

símbolo da concórdia cívica onde se reúne o conselho supremo da nação; e finalmente o **Templo,** a imágem da federação de todas as almas humanas no espaço e no tempo.

Tal será a futura organização das pátrias normais. Então o Planeta se ha de compor de pequenos Estados livres em toda acepção do termo, porque cada hômem cumprirá consientemente os deveres ezigidos pela situação social. Todas éstas pátrias formarão uma vasta confederação, cujo laço será escluzivamente moral, em virtude da uniformidade das convicções, da sinergia dos esfórços e da simpatia de todas as almas.

III. — EZAME DA TRANZIÇÃO BRAZILEIRA

> Em toda ezistência normal, a afeição domina permanentemente a especulação e a ação, conquanto a intervenção déstas seja indispensável ao sentimento para sofrer e modificar as impressões estérnas. **E' portanto ao sentimento que déve ser referido em última análize cada passo teórico ou prático.** Nóssa evolução consistindo fundamentalmente em dezenvolver a unidade, devemos ter **por abortados, ou considerar como puramente preparatórios,** todos os progréssos da inteligência e da atividade que não influírem sobre o sentimento, orígem escluziva de similhante harmonia.
>
> **Aug. Comte,** Polit, III, pág 67.

> A dissolução gradativa do sistema colonial desde a independência americana contitúi fundamentalmente o princípio do irrevogavel fracionamento de todos os domínios demaziado vastos, que surgírão em consequência da ruptura do laço católico.
>
> **Catecismo Pozit.,** pág. 307.

Harmonizemos a legislação e os costumes.

Não basta, cidadãos, haver aprezentado á vossa contemplação o quadro das grandezas com que o Porvir aguarda as gerações vindouras. A missão de que fomos encarregado pelo digno prezidente do Centro Pozitivista impõe-nos aínda o dever de apreciar rápidamente a nóssa situação com mais detalhe, e indicar-vos as medidas que a tranzição nos aponta.

A refórma devendo operar-se preliminarmente nos espíritos, é pelo exame do estado mental que devemos começar esse rápido esboço.

Situação mental. — Oriundo dos póvos em que foi mais profunda a assimilação romana, e onde mais sazonárão-se os frutos da civilização católico-feudal, o Brazil teve aínda a ventura de ficar prezervado do protestantismo.

Para isso concorreu em mássima parte a heróica rezistência que se rezume nos nomes de João Fernandes Vieira, Camarão e Henrique Dias; e a posteridade reconhecida ha de juntar-lhes a memória do eminente padre jezuíta que, patenteando os dezastres morais da vitória holandeza, concorreu poderózamente para o felis êzito das armas luzitanas. Os rezultados desta glorióza luta, combinados com a sabiduria empírica da ditadura monárquica, pôs-nos tambem a salvo da propaganda deísta; e, graças a esse concurso de circunstáncias, o Catolicismo pôde manter a integridade mental do país no apogeu mesmo da anarquia revolucionária.

Quando, em 1808, os pórtos do Brazil ficárão abértos ás nações amigas, já a revolução franceza entrara na sua faze de retrogradação. Apossado da ditadura, Napoleão se havia transformado em monarca, e no delírio de sua ambição monstruóza precipitava a França contra a Europa inteira. Fora mesmo esse movimento a cauza que determinou o estabelecimento da corte portugueza na antiga colônia.

Em contato desde então com a Inglatérra, éra de lá que nos podião vir as inspirações, si porventura o sentimento feminino não prezervasse a mentalidade brazileira da aridês protestante, agravada aínda pelo espírito escluzivamente mercantil das relações británicas.

A nóssa elevação a reino unido, em 1815, em nada modificou ésta situação: e assim ficou a raça portugueza entrégue ás mesmas cauzas de evolução revolucionária que a trabalhávão desde o XIV século, até que a revolução de 1820 veio tornar possível a propaganda de todas as teorias. Désta propaganda ia rezultar inevitávelmente a emancipação mental do país, si a ignorancia da população não fosse um obstáculo insuperável, e si, por outro lado, as necessidades políticas de manter os rezultados práticos que já se devião á ditadura de D João VI, não convergíssem todos os esfórços para a nóssa independência.

Operada em 1822, ezigiu algum tempo para consolidar-se; e foi

néssa consolidação que se empregárão os anos decorridos até 1831, época da espulsão do primeiro imperador.

Lógo depois, a urgência de impedir a fragmentação do Brazil absorveu nóvamente a atenção geral dos hômens mais eminentes. E, conseguida a sufocação das revóltas, a influência latente das rivalidades coloniais, reunida ao dezenvolvimento do espírito militar, que fôra a consequência das lutas civis, criou á nóssa recente nacionalidade uma situação esterior na qual se absorveu a solicitude pública até 1870.

Até esse ano foi, portanto, impossível anarquizar profundamente a situação mental do Brasil. A atividade política fazia concorrer a mocidade para as academias de direito, que, privadas de toda baze científica, não permitião a plena emancipação dos futuros estadistas. Por outro lado, a degradação moral dos sábios europeus, — instrumentos servis do despotismo principesco ou burguês — tornou quázi impossível tambem a emancipação dos que se consagrávão aos estudos de siências pozitivas, — médicos e militares. Demais, fosse qual fosse a profissão, os hômens eminentes votávão-se á política por ambição ou por patriotismo; e a política — as lutas de campanário -- não dava tempo para pensar.

Tais fôrão os motivos que permitírão dezenvolvêrem-se os hábitos de liberdade intelectual, tornando impossíveis os abuzos que o código previra, como — tentar destruir as verdades fundamentais da ezistência de Deus e da imortalidade da alma. Quem havia de tentá-lo, si érão todos sincéramente cristãos?

Esses hábitos, porem, arraigados no espírito público, assegurárão a ruptura de tais barreiras, desde que a situação social o ezigiu, sem que os poderes públicos se lembrássem de ezecutar similhantes leis.

E aqui tendes, cidadãos, uma próva de que são os costumes a baze real da eficácia legislativa; só a codificação tórna-se uma verdade, quando é a espressão dos hábitos gerais.

O Brazil chegou assim á situação mental em que atualmente nos achamos: na grande maioria da nação, que fórma a classe dirigida, impéra um fetichismo que poderíamos chamar católico; na quázi totalidade das classes diretoras domina a semi-emancipação revolucionária de Voltaire e Rousseau, caraterizada pela crença em Deus e na imortalidade da alma; e na parte mais ativa da geração modérna lavra a plena eman-

cipação, materialista ou pozitivista. Práticamente: — a mais compléta liberdade na manifestação do pensamento.

Ora, o estado normal supõe justamente este último rezultado; portanto, só nos résta passá-lo para a legislação, pondo-a de acordo com os nóssos costumes. Para isso tórna-se necessária uma série de medidas, algumas ezequíveis imediatamente, e outras ezigindo o concurso do tempo. As medidas possíveis já, são as seguintes:

1ª. Supressão dos artigos repressivos do código, e de todas as condições de adezão á religião do Estado para os cargos públicos.

2ª. A plena liberdade de ensino; supressão da filozofia e retórica na instrução secundária; supressão do colégio de Pedro II e de todos os cursos oficiais puramente teóricos, garantindo-se aos atuais titulares os seus vencimentos, como satisfação ao dever de respeitar nas refórmas políticas o mais possível o equilíbrio moral. Éstas duas medidas libértão-nos do despotismo civil.

3ª. Instituição do cazamento civil, registro civil de nacimentos, e enterro civil.

Ésta refórma libertar-nos-á do despotismo clerical.

O conjunto déssas dispozições prepara a próssima supressão da religião do Estado, e mais tarde a supressão compléta das academias, desde que a liberdade de ensino tivér permitido a constituição do ensino superior independente do Estado. Mas até lá impórta que o governo restrinja as academias á formação de profissionais, — médicos, engenheiros, jurisconsultos e militares, — sem organizar por fórma alguma uma pedantocracia universitária (7)

Situação moral. — Passando agóra ao ezame da situação moral, impórta reconhecer que éla é devida principalmente á influência feminina, secundada pelo prestígio da autoridade católica. Devemos especialmente não esquecer o papel eminente que coube á Companhia de Jezus na defensão dos mízeros fetichistas americanos, vítimas da cubiça colonial. Nóbrega, Anchieta e Antônio Vieira, são nomes que se conservarão indeléveis nos corações de todos os brazileiros verdadeiramente emancipados.

Feita ésta observação preliminar, cumpre não esquecer que a manutenção das crenças católicas facilitou considerávelmente a influência feminina de módo a só tornar possível a profunda anarquia moral na época em que se começou a operar a emancipação radical da inteligência. Ora, isso só teve lugar ha poucos anos.

Eis porque os nóssos costumes em fins do XIX século aprezêntão-se, na classe livre, com os traços mais caracteristicos dos tempos mediévos. Assim é que domina o sentimento na constituição da família, realizando-se as uniões na quázi totalidade dos cazos sem as preocupações aviltantes do dóte. A monogamia está até hoje ao abrigo de ataques; e a mulhér mantem-se apartada de qualquér trabalho esterior. Para atingir a época normal bastará completar a monogamia pelo dever de etérna viuvês, espontaneamente aceito, o que constitúi a sistematização de um costume quázi geral entre nós. E, em segundo lugar, dezenvolver a influência educadora da muihér, fornecendo-lhe instrução que lhe proporcione o conhecimento pozitivo do mundo, da sociedade e do hômem, isto é, o ensino da siência abstrata e das artes liberais. Desde então éla poderá dedicar-se escluzivamente á educação dos filhos até a idade de 14 anos; e a consequência será o dezaparecimento desses quartéis de crianças que se denomínão colégios.

Similhante instrução não póde ser dada pelo Estado; mas desde já é possível convergir todos os esfórços para a distribuição geral do ensino primário constituído pela leitura, escrita, contabilidade, dezenho e múzica. O résto só poderá rezultar da propaganda para a qual é incompetente o governo.

Situação social — A situação social oferéce maióres obstáculos do que a situação moral. Com efeito, das quatro classes que constitúem o regímen industrial, só três se áchão em condições idênticas ás do résto do Ocidente. Na indústria fundamental, porem, — a agricultura, — a massa do proletariado consérva-se escrava. Éssa escravidão difére essencialmente da escravidão antiga que foi o rezultado da conquista. Não só ésta se operava entre póvos de civilizações quázi idênticas; mas aínda o seu estabelecimento denóta um progrésso no sentimento humano, quando o vencedor consérva a vida ao vencido, em vês de sacrificá-lo. Ao passo que a escravidão colonial rezultou da invazão do Ocidente, anarquizado pela ruptura do laço espiritual, nas mízeras populações fetichistas da Africa, e depois de se havêrem libertado os sérvos na Európa católico-feudal. Éla denóta, portanto, uma degradação moral.

Transportadas para a América portugueza, as vítimas da crueldade mercantil, que desmoralizara o coração meridional, fôrão transformadas

em simples máquinas de produção. Preocupados excluzivamente do ganho, os senhores deixárão-n-as entrégues aos vícios que não érão incompatíveis com o acrécimo dos lucros materiais, e aplicárão as eminentes qualidades afetivas da infelis raça em dezenvolver as virtudes que érão favoráveis á saciedade de sua ezecranda cubiça.

Daí rezultou o aniquilamento da família pela facilidade das uniões conjugais; o desvio do instinto matérno aplicado ao filho do amo; e o desvio da veneração filial da mãi para o senhor. Dezenvolvêrão mais a dedicação e a fidelidade. O Catolicismo degradado não teve forças para condenar a maldita instituição; e contemplou-se o infame espetáculo de sacerdótes possuidores de escravos. Aínda mais: em nome de Deus, o confessor absolvia os pecados que os senhores tolerávão, e aconselhava as mesmas virtudes que os proprietários ezigião.

Eis aí como se formou, sob a influência da hereditariedade, esse espéctro mizerando de hômem que se denomina o escravo modérno, e cuja situação complica hoje o problema social, tornando impossível a satisfação imediata dos mais ardentes vótos dos corações brazileiros. Porque, si foi precizo longo tempo para formá-lo, tempo será tambem necessário para reparar o imenso crime de que somos responsáveis e de que é solidário o Ocidente inteiro. Mas, assim como éssa operação nefanda ezigiu o concurso de medidas políticas e de aviltamentos morais, assim tambem o trabalho de reparação ezigirá a convergência de atos do governo e regenerações de indivíduos.

As medidas políticas já fôrão iniciadas pela supressão do iníquo tráfico e a promulgação da lei de 28 de Setembro; mas não bástão. Cumpre cortar o mal pela raís, suprimindo imediatamente o regimen esclavagista, isto é, destruíndo éssa organização monstruóza do trabalho humano, em que o produtor tem todos os ônus e só o administrador todos os benefícios da vida social. Para conseguir similhante rezultado, as medidas a tomar são as seguintes:

1ª. Completar a lei de 28 de Setembro, proíbindo que as mulhéres livres póssão ser empregadas em trabalhos que as afástem do domicílio;

2ª. Suprimir as torturas e toda a legislação criminal especial, que aínda rége o trabalhador;

3ª. Proíbição absoluta da venda de um só brasileiro; (8);

4ª. Supressão do aquartelamento, pela impozição aos chéfes agrícolas de concedêrem domicílios independentes a todas as famílias;

5ª. Consagração do sétimo dia ao descanço;

6ª. Determinação do número de hóras do trabalho quotidiano;

7ª. Criação de escólas primárias nos centros agricolas (9).

O conjunto déstas medidas colocará o proletariado agrícola em condições de subordinação análogas ás do nósso ezército de terra e mar. E a eminente superioridade afetiva de nóssos infelizes compatriótas garante a sua imediata ezequibilidade.

A éstas medidas, que o Estado póde e déve tomar sem demóra, devemos juntar outras de caráter puramente moral, cuja adoção depende escluzivamente dos chéfes práticos e dos hômens livres. Rezúmem-se élas na instituição da monogamia entre os seus subordinados; facilitação das emancipações; observáncia espontánea das dispozições acima mencionadas; abandono déssa fébre de doutores que sistematiza o parazitismo e rouba ao país as suas forças, fazendo acreditar em uma falta de braços que não eziste.

Tais são as únicas refórmas realizáveis na situação prezente, e que permitirão aprossimar rápidamente a indústria agrícola da época normal. Toda e qualquér ação mais profunda se nos afigura impraticável.

Quanto ás outras classes industriais, as refórmas só pódem rezultar da regeneração dos costumes políticos, regeneração que acompanhará a transformação intelectual. Portanto, o Estado terá feito o que se contém na esféra de suas atribuições, assegurando a liberdade de pensamento pelas instituições acima indicadas.

Situação política. — Passemos finalmente ao ezame de nóssa situação política.

A nacionalidade brazileira rezultou da colonização de uma parte da América pelos portuguezes, quando já se havia constituído a ditadura monárquica em consequência da decompozição do regímen católico-feudal.

Destacado pela ambição mercantil e ao abrigo de dissenções religiózas pela sabiduria empírica dos chéfes, secundados pela ação da Companhia de Jezus, esse ramo do grande tronco peninsular se foi espandindo sem conhecer outra subordinação que não viésse por intermédio da realeza: nem tradições de nóbres, nem tradições de poder espiritual distinto da monarquia. Com o andar dos tempos a dominação política da me-

trópole tornou-se insuportável; não pelo despotismo espíritual, mas pela subordinação prática. O Brazil se convertera em uma mina, que aos reinóis se afigurava inesgotável.

Por outro lado, as gerações que se havião multiplicado na América criárão pelo sólo natal esse amor essencialmente fetichista que prende o hômem á térra e ao céo que primeiro seus ólhos contemplárão. Começárão a esquecer esse Portugal longínquo, que jámais tínhão visto, e cujas caravélas só aparecião para levar-lhes o milhór de suas riquezas e trazer-lhes os seus mais férreos opressores. O ódio se foi cavando fundo entre os portuguezes de ambos os hemisférios; e as rixas parciais, multiplicando-se, o agravávão de dia para dia.

Nesse ínterim a revolução protestante caminhava no résto do Ocidente: depois de ter dirigido a independência holandeza em nome da liberdade, e a sublevação ingleza em nome da igualdade, fundira os seus dógmas numa única revólta e guiara a emancipação dos Estados-Unidos da América do Nórte.

O ezemplo desse acontecimento veio então unir-se aos ódios que se havião gerado contra a dominação de Portugal, e deu em rezultado a conjuração mineira, que foi malograda ao nacer, legando-nos em Tiradentes etérno modelo de dedicação cívica.

Ao mesmo tempo que o mártir brazileiro sagrava com seu sangue a redenção nacional, caía a realeza no Ocidente e abria-se a éra deciziva da grande crize revolucionária.

Portugal — que acompanhara a torrente do XVIII século, na administração heróica do Marquês de Pombal, e que fôra o primeiro a desfechar o gólpe de mórte no único esteio que restava á organização católica, pela supressão dos jezuitas, — havia passado ás mãos de D. Maria I. E, sobresaltada agóra mais do que nunca pelas comoções da tremenda luta, a ditadura monárquica redobrou de zelos no izolamento da península e suas possessões. Ficava a França só a decidir dos destinos da Humanidade.

Infelismente, as condições mentais não permitião a nóva organização social; porque das três escólas filozóficas do XVIII século, só a de Rousseau formulava um programma de organização, e este se bazeava nos elementos fundamentais do antigo regímen, — a ezistência de Deus e a imortalidade da alma. A escóla de Voltaire levava ao septicismo: e

a escóla orgánica de Diderot, — que dezenvolvia as bazes sientíficas da futura órdem, — não tinha conseguido estendê-la definitivamente á biologia, á sociologia e á moral.

Em falta de uma doutrina sientífica, a situação revolucionária ezigia a continuação do empirismo político pela organização de uma ditadura republicana, isto é, de um governo que mantivésse o **statu quo:** — a órdem material e a plena liberdade intelectual e moral. Danton éra hômem talhado para éssa missão glorióza, si a sua falta de ambição não tivésse tornado possível o seu aniquilamento e a acensão da ditadura robespierriana. A restauração de Deus preparou o advento de Bonaparte com o seu cortejo de opressão espiritual pelo estabelecimento do Catolicismo concordatário e da siência universitária.

A ambição insaciável do novo ditador precipitou-o sobre a Espanha e determinou a fuga da família de Bragança para o Brazil. Aqui chegado, o regente abriu os pórtos ás nações amigas, em 1808; e em 1815 elevou o Brazil á categoria de reino unido aos de Portugal e Algarves, dotando-nos com todas as instituições que permitirião a nação viver independente. Para tanto só faltava a separação, e éla foi nóvamente tentada em 1817, na revolução pernambucana.

Malogrado como a tentativa mineira, esse gloriozo movimento veio no entanto afirmar que os grandes sentimentos de nóssa raça não carecião mais da tutéla das ficções teológicas. Proclamou-se: a salvação do povo, lei suprema; a abolição do regímen escravo, uma aspiração nacional; e a plena liberdade de pensamento, — mesmo em matéria religióza, — um direito civil inviolável. E, o que é mais para admirar-se, reconheceu-se implicitamente que a manutenção da **órdem** éra a baze imprescindível do **progrésso.** Tanto quanto possível, ficava, pois, esboçado o programa de nóssa evolução; e, para que nada faltasse, similhante programa teve a santificação do martírio.

A esse tempo já havia sido esmagado o vandalismo napoleônico e restaurada em França a ditadura real pela instalação da monarquia constitucional. Desde então começárão os portuguezes a manifestar dezejos pelo imediato regrésso da família bragantina, não só pelo amor que os súditos votávão á coroa, mas aínda pelo ciúme da supremacia que rezultava para o Brazil da estada do príncipe entre nós. A isto juntava-se a esperança de resarcir, pela recolonização, os prejuízos vindos ao comércio da ex-metrópole, em consequência da política de D. João VI. Todos estes

fatores, unidos á aspiração que nutria a classe instruída para o estabelecimento de um regímen livre, dérão em rezultado a revolução de 1820, abraçada no Brazil com fervorozo entuziasmo.

Em consequência deste movimento, reunirão-se as cortes portuguezas, e nas bazes do projéto de constituição proclamárão a liberdade de pensamento. Aceitas pelo rei antecipadamente, éssas bazes criávão para o Brazil a situação que convinha á nóssa evolução, si porventura os ódios antigos dos colonos e reinóis, unidos á imensa distancia dos póvos, não ezigíssem a definitiva separação.

A sociedade não podendo subzistir sem governo, — e o governo espiritual estando aniquilado, — a única organização possível éra a ditadura; e ésta não encontrando uma doutrina sientífica para dirigir-se, devia limitar-se a um empirismo esclarecido, subordinando-se aos costumes. Tais fôrão os rezultados definitivos da revolução de 1820. Si o povo amava o rei, e si este aceitava um papel progressista, porque suprimí-lo? Si a nação inteira adorava Deus, a Vírgem e os santos, por que não manter o culto católico? O culto, dizemos nós propozitalmente; porque éra tudo quanto restava de influência social á antiga autoridade religióza. Uma única medida política faltou, e foi o erro de todos os movimentos que se têm operado na raça portugueza, a partir déssa época. Éssa medida é a supressão da hereditariedade monárquica, tornando a sucessão pedendente da escolha do ditador, sancionada pelo vóto nacional.

Isto, porem, não se realizou, porque o empirismo grosseiro, agravado pelas teorias democráticas, levou os fautores da revolução a proclamárem a monarquia constitucional reprezentativa que vião em torno de si; a ezigírem o pronto regrésso do monarca, e a cometêrem a empreza irrealizável da recolonização brazileira.

O rezultado foi a nóssa separação mais rápida, isto é, o rompimento imediato da única opressão que realmente ezistia. Para compreender a direção que tomou o movimento nacional cumpre lembrar aínda uma vês que néssa época não ezistia teoria alguma pozitiva de governo. De sórte que só restava aos chéfes políticos guiárem-se empiricamente pelos fatos. Demais, instruído nas siências naturais, Jozé Bonifácio, — que incontestávelmente dirigiu o dezenlace da situação, nesse momento, — não podia nutrir a crença ingênua na infalibilidade democrática, máxime depois dos rezultados que trouxéra a sua aplicação em França. Alem de

que, já a escóla de De Maistre havia demonstrado a irracionalidade de similhantes teorias.

Dada a situação que vos acabo de figurar, dada a prezença do príncipe D. Pedro entre nós, o empirismo, — único diretor seguro em falta de siência pozitiva, — levava á solução que os patriótas adotárão. Do erro que cometêrão não suprimindo a hereditariedade, os absólvem as crenças de católicos sincéros. Não transportemos para 1822 as nóssas idéias de hoje e os dezenganos inflingidos a éssa grande e generóza Pátria Brazileira pelos príncipes a quem éla confiou a suprema direção de seus destinos. Nóssos pais fizérão tudo quanto a sabiduria humana poderia aconselhar ao mais acrizolado patriotismo; e, si os fatos desmentírão as suas esperanças, não é isso motivo para amaldiçoá-los.

A necessidade de consolidação conduziu-nos á revolução de 1831; nésta época a República se teria proclamado entre nós, si a França não houvésse adotado aínda a monarquia constitucional. O erro capital, porem, foi aínda o mesmo de 1820 e 1822; erro que poderia ter sido reparado na época da maioridade, si a falta de uma teoria sientífica não constituísse um obstáculo permanente, insuperável, a qualquér vizão clara das necessidades políticas. Para perceber todo o alcance désta afirmação basta notar que a supressão da hereditariedade é a única consequência política da proclamação da república entre nós.

As lutas intestinas da nóva nacionalidade dividírão em bréve os espíritos entre os que se preocupávão das necessidades da emancipação local e os que acima de tudo colocávão a integridade do país. Sem dúvida alguma que no futuro o Brazil se ha de dividir em repúblicas independentes, confederadas moralmente pelos laços de uma mesma crença e de uma mesma orígem sociológica. Mas no momento atual as necessidades da evolução comum tórnão necessário sancionar políticamente a homogeneidade que rezulta de nóssos antecedentes históricos. Fôrão esses antecedentes que tornárão eficazes as compressões violentas do primeiro e do segundo impérios e que dérão em rezultado a formação definitiva do Brazil como nacionalidade política. Para prová-lo basta lembrar que não foi possível manter a anexação, a princípio voluntária, da Cisplatina, em bréve separada de nóssa comunhão.

Foi éssa tendência espontánea á unidade política, caraterizada pela ditadura central, que tornou possível a anulação efetiva do **parlamentarismo** e a constituição do poder pessoal, reconhecido por todos os parti-

dos. República ou monarquia, enquanto as condições sociais ezigirem a ditadura, ésta será central e jamais parlamentar entre nós: é uma fatalidade que nos domina, como o ar que respiramos. E no dia em que surgir o regímen da **opinião,** pelo reconhecimento ocidental da autoridade religióza fundada por Augusto Comte, a ditadura terá dezaparecido, mas a federação não será política, será moral simplesmente.

Em virtude désta tendência a nóssa nacionalidade rezumiu-se na **Capital,** onde viérão convergir as forças vivas da nação de módo a assegurar uma direção única á evolução do vasto colosso brazileiro.

Mas as lutas dos partidos; a lembrança das revoluções provinciais abafadas com demaziado rigor; o ezemplo de toda a América; os movimentos de 30 e de 48 em França; e o caráter corruptor que assumiu a ditadura imperial, mantivérão a aspiração para a compléta eliminação da monarquia. Entre os que nutrião esses vótos cumpre distinguir dois gruposs: o primeiro formado pelos hômens dos vélhos partidos constitucionais que as decepções políticas havião afastado da realeza; o segundo constituído pela geração que vinha erguendo-se e em cuja imaginação o espetáculo horrendo de cabeças decepadas, cadáveres mutilados e arrastados até o cemitério ás caudas dos cavalos; o quadro lutuozo das guérras civis que conflagrárão nóssa Pátria durante o primeiro e o segundo impérios, fizérão aparecer a família de Bragança envolta no martírio de nóssos pais desde 1792. Alheia a todos os manejos da política, a **república** surgia para éla como a satisfação dos grandes sentimentos do coração meridional, o governo supremo da **fraternidade** e da **pás** em todo o univérso.

E como nas regiões políticas nada indicasse outra doutrina que respondesse a similhantes vótos, além da democracia, foi a éla que se apegárão os jóvens republicanos, a ezemplo da geração deziludida.

Tal éra a situação, quando a proclamação da república franceza veio determinar o advento dos republicanos como partido político, tendo á sua ésta hômens eminentemente colocados no país. O grupo de moços aderiu com o fervorozo entuziasmo de quem não teve dezilusões na vida; e a propaganda ateou-se vigoróza e dezinteressada por todas as escólas contra todos os elementos da órdem antiga, incluzive as congregações acadêmicas. Foi déssa época que no seio da mocidade levantou-se o rugido de cólera e ezecração contra o passado monárquico. Os fautores de nóssa independência começárão a ser alvo de maldições de toda sórte pela fundação da monarquia; e erguêrão-se altares a todos os revolucionários pelo fato único de havêrem trabalhado para seu aniquilamento. Demais, havia a facinação do martírio pela liberdade, que os diviniza incontestávelmente. E como ninguem é perfeito, e como a situação conduzira inevitávelmente a medidas violentas, por vezes ecessivas mesmo, não foi difícil pedir a éssas imperfeições e a éssas medidas a justificação da cegueira revolucionária.

Similhante situação não podia durar. A doutrina pozitiva já estava construída, e a mocidade das academias sientificas havia de encontrá-la forçózamente, desde que a sustentasse o mesmo ardor social. Foi o que se operou realmente.

O estudo das siências especiais — da matemática sobretudo — sob professores do valor moral de Benjamin Constant, levou alguns desses moços á meditação das óbras de Augusto Comte. Desde lógo começou a pronunciar-se a profunda diferença entre os dois grupos republicanos, tornando-se mais evidente por ocazião da última tentativa de restauração teológica. Enquanto os vélhos democratas repetião os temas da crítica metafízica, sustentando a subordinação da autoridade religióza, ou proclamando os direitos imprescritíveis da consiência individual, a mocidade sistematizava o ataque a todos os elementos do vélho regímen constitucional, batia o ensino oficial, refutava o dógma revolucionário da soberania, patenteava o descalabro dos partidos democráticos, propagava a lei da evolução descubérta por Augusto Comte, e proclamava a regeneração pela siência e pela moralização do povo. Mas tudo tinha aínda um caráter vago e heterogêneo.

A mistificação litreísta, na fraze de Miguel Lemos, impedia que atingíssemos lógo a plena emancipação; desvanecida, porem, que foi éla, a propaganda afirmou-se com seu caráter verdadeiramente orgánico. Começou-se o restabelecimento do passado e a reparação das injustiças a que uma doutrína revolucionária nos havia conduzido; cumprindo aqui nomear o eminente diretor atual do Pozitivismo no Brazil, como o promotor incontestável de similhante movimento.

Foi desse conjunto de circunstáncias que rezultou a nóssa situação política.

O país acha-se organizado numa monarquia constitucional reprezentativa e hereditária, em cujo seio se levanta um partido republicano composto de democratas e pozitivistas. Demais, a quázi totalidade dos partidos monárquicos manifésta opiniões republicanas, adiando apenas o

advento para época indeterminada. Néstas condições, qual déve ser a nóssa conduta política?

Formular na legislação o que já se acha nos costumes, o que é o rezultado dos antecedentes históricos que vos acabo de lembrar. Manter, portanto, a integridade da nação, caraterizada pela supremacia política da Capital; e concertar uma série de medidas que nos condúzão á emancipação civil, pela eliminação de todo concurso teológico nos negócios públicos. Isto rezume-se néstas palavras: manutenção da órdem e garantias ao progrésso.

As medidas a que aludimos são as seguintes:

1ª. Promulgação das instituições civis que assegúrem a liberdade de pensamento de que já gozamos e que já fôrão indicadas.

2ª. Uma vês conseguidas, a religião do Estado pérde a razão de ser como instituição civil, e cumprirá suprimí-la.

3ª. Alcançada ésta supressão, a hereditariedade monárquica fica sem o único fundamento que lhe résta, por faltar-lhe a consagração divina.

Só Deus póde garantir-nos as aptidões políticas de quem aínda não naceu; desde, portanto, que o Estado não tivér Deus, não póde ter chéfes hereditários. Cumpre desde então adotar a sucessão pela escolha do chéfe sancionada pela aprovação nacional.

Como garantia déssa evolução urge dar á massa do ezército uma organização capás de dezenvolver nos soldados os sentimentos cívicos que já anímão a quázi totalidade dos oficiais. E' isso uma garantia de órdem e liberdade para o interior e pás estérna.

Ficará assim constituído um governo verdadeiramente republicano, em que a manutenção da órdem e da liberdade rezultará de considerações puramente sociais, puramente humanas, pela supressão de todo vestígio teológico.

Desde então o progrésso ha de consistir em tornar cada vês mais insignificante a ação da força, e mais considerável a influência da opinião pública; isto é, em substituir o sentimento moral do dever á obrigação legal. Este progrésso será a consequência da livre propagação de todas as teorias, que ha de conduzir fatalmente o país a adotar a única doutrina capás de satisfazer as aspirações brazileiras, aprezentando a demonstração scientífica das grandes qualidades sociais e morais de nóssa raça. E quando a vitória fôr compléta, o laço patriótico se terá convertido em federação moral, pela unidade de crenças, de costumes e de orígem, que será o imortal característico das futuras repúblicas em que se ha de dissolver o Brazil.

Cidadãos!

Os grandes patriarcas de nóssa emancipação política fizérão quanto lhes permitíão os instrumentos de que dispúnhão e a época de convulsões que atravessárão. No brado audaciozo — **Independência ou mórte** — rezumírão o que lhes ia n'alma de corágem e dedicação pelos vindouros, formulando como etérna nórma de conduta cívica, os impereciveis ezemplos de Tiradentes e dos heróis de 17. Sem doutrina scientífica que lhes assegurasse a conduta, entrégues ao empirismo, em meio da tormenta revolucionária, os seus sucessores patenteárão constantemente a mesma abnegação patriótica nas lutas cruéis que nos têm dilacerado. Sustentáculos da **órdem**, ou mártires do **progrésso**, todos erguêrão-se impulsionados pelas mesmas aspirações de glória para o Brazil e concórdia para o univérso inteiro. Curvemo-nos, pois, ante éssas memórias venerandas; e, hoje que a doutrina sientífica eziste, prosigamos sem dezalentos, sem dissenções, intérnas ou internacionais, na terminação do monumento que nos legárão; correspondamos ás nóbres esperanças que em nós havíão depozitado, trabalhando sistemáticamente pelo advento da fraternidade e da pás universal. Que a Humanidade póssa no futuro, abençoando a grandeza de nóssos filhos, repetir a fraze do maiór dos poétas brazileiros:

Vejo um povo de Heróis!

NOTAS

1 - Vide o **Catecismo Pozitivista** de Augusto Comte.

2 - Como todas as instituições, passou por três fazes correspondentes aos três estados do dógma. Enquanto se acreditou em deuzes, o poder espiritual foi o **sacerdócio** teológico; no periodo metafízico atual são os **acadêmicos, jornalistas e literatos;** no regímen final será o **sacerdócio pozitivo.**

3 - Que diferença ha entre a colação do grau e a sagração dos reis ou a ordenação dos padres?

4 - O que é um artigo necrológico, sinão a sentença póstuma? Sómente o juís póde não ter competência; mas em todo cazo a pretenção do jornalista é **julgar quem morreu**.

5 - Isso não impéde que se encôntrem ecepcionalmente no cléro metafízico — acadêmicos, jornalistas e literatos, — tipos de valor moral e intelectual; fato aliás muitíssimo mais frequente nos sacerdócios teológicos, apezar de decadentes.

6 - Em relação ao mais imoral desses espedientes (para reanimar a guérra destinando-a á colonização), ouzo aqui proclamar os vótos que fórmo, em nome dos verdadeiros pozitivistas, para que os Árabes espúlsem enérgicamente os Francezes da Algéria, si estes não lh'a soubérem restituir dignamente. Hei de honrar-me sempre de ter, na minha infância, ardentemente dezejado a vitória da heróica defesa dos Espanhóis.

7 - Éstas medidas já fôrão reclamadas por Miguel Lemos em uma conferência sobre o Pozitivismo no Brazil, realizada no Liceu de Artes e Ofícios.

8 - Medida já indicada, em 1865, pelo Sr. Brandão. Vide a brochura **A escravatura no Brazil**, publicada em Bruxélas, 1865.

9 - Éstas medidas já fôrão indicadas, em 1880, num artigo publicado na **Gazeta da Tarde** e tirado depois em avulso. Trazia as assinaturas de R. Teixeira Mendes, Aníbal Falcão, Dr. J. E. Teixeira de Souza, Generino dos Santos e João de Souza.

OBSERVAÇÕES DOS EDITORES — No opúsculo, donde estraímos os discursos ora reimpréssos, encôntrão-se as nótas acima transcritas, ás quais se referem os números de chamada incluidos no têsto. Deixou-se de reproduzir a nóta final, que vérsa sobre a marcha do Pozitivismo entre nós, por não interessar própriamente ao assunto dos mesmos discursos. Do aludido opúsculo consta ainda que o Prezidente da sessão sociolátrica a encerrou com o brado:

VIVA A NAÇÃO BRASILEIRA!

Desta publicação, que será distribuida gratuitamente, fôrão tirados cinco mil ezemplares, sendo vinte em papel especial.

OF. GR. DA S. A. A NOITE